

## **Caminhos Portugueses de Santa Teresinha do Menino Jesus**

*O título deste artigo propõe um tema: um elenco de algumas devoções portuguesas a Santa Teresinha, já eruditas, já populares, e a enumeração de vias e de formas através das quais o culto se propagou no nosso país.*

*O tema não oferece dificuldades à pesquisa, porquanto há uma sequência de publicações em que se torna possível acompanhar a história do culto. Diríamos que, se dificuldade existe, é a de triar tanta informação disponível, de modo que este ensaio inventarial se limita a oferecer algumas pistas de ulterior compilação, para reflectida exegese histórica, cultural e cultural, litúrgica e pastoral, omitindo muitíssimos factos, porventura de maior interesse, e dando prioridade ao registo dos textos oracionais, por constituírem a essência do culto, e serem de grande interesse devocional.*

*O âmbito da pesquisa abrangeu as publicações, sobretudo as disponíveis na Biblioteca Nacional (Lisboa), mas também as consultas a pessoas, e o recurso a outras vias de informação. Queira o leitor receber este escrutinho como aperitivo a banquete mais digno da celebrada carmelita.*

### **1. A pessoa é (também) o seu nome**

*Teresinha é inevitável. Perguntaram-lhe um dia como gostaria de ser chamada quando já estivesse no céu. Respondeu: «petite Thérèse», Teresinha. E Teresinha ficou para sempre. Nos actos de beatificação e de canonização, nos documentos de carácter canónico, e nos escritos de pastoral com perfil de austeridade, o nome de baptismo - Teresa - aparece, mas no comum da santificação, nas*

homilias festivas, no diálogo familiar e amical, *Teresinha* é inevitável. Apesar de a *História de uma Alma* ter sido apresentada em português com o nome integral da religiosa, sem diminutivo, Teresinha é a bem amada. Participa das nossas relações amistosas, é um tu cá tu lá, mana, prima, amiga. Teresinha, Santa Teresinha, sem mais nada. Teresa é outra, mais ao austero, doutoral e porventura longínqua. Fragmento de diálogo com um jurista de sessenta anos de idade: «- Lembra-se de alguma oração da sua juventude a Santa Teresa do Menino Jesus?» «- Teresinha, quer o senhor dizer?» Fragmento de outro diálogo com uma senhora de quarenta anos, mais ano, menos ano: «- Na sua juventude havia alguma devoção especial a Santa Teresa do Menino Jesus?» Resposta: «Gostávamos muito de Santa Teresinha».

Corolário do exposto é o fragmento que ouvimos a uma senhora de cerca de sessenta anos de idade, oriunda de Vinhais (Trás-os-Montes). Lembrava-se das orações a Santa Teresinha, mas de cór, só restava este fragmento de ignota oração: «Ó santa Teresinha, o meu coração vos ofereço, e a minha *alminha*». Em consonância com os modos pelos quais o *papá* tratava o seu «raiozinho de sol».

O diminutivo estabelece uma ordem nomenclatural e discursiva, uma tipologia de relação afectiva e de intimidade. Podemos definir esta tipologia como importando a proximidade vivencial dos santos e, no caso, da santa. Ela não é alguém distante, superior, como que uma grande ausente homenageada em artigo de morte; é uma jovem, igual a tanta jovem, presente e viva. As famílias com filhas como que a adoptam como mais uma. Toda a sua família era vista como um lar de santidade, e todas as irmãs como lírios de brancura, de imaculada pureza. A importância do pai na *História de uma alma*, a afectuosa ternura do pai para a filha, e a por vezes piegas relação da filha com o pai, são tópicos para um modo de entender e para um modo de transpôr. Isto agradava às famílias, em particular às mães, que viam em Teresinha o ideal para cada filha, o ideal para cada filho. Uma certa e secreta cumplicidade de coração. Os fiéis, e ainda os mais jovens, estavam habituados a que lhes fossem propostos como modelos de vida uns santos famosos e porventura façanhudos. A disciplina nas famílias levava, por vezes, à carência de um gesto de ternura do pai, ou a apressadas carícias das mães. A época da paideia romântica não chegara a amadurecer; fora interrompida por violentas formas de naturalismo materialista, de negação da axiologia cristã, e por uma onda de violência abísmica,

eruptiva em duas guerras mundiais, em que faltaram ouvidos para os gemidos, abafados pelo ribombar da metralha. Um nome para recuperar a calma, a paz. Um nome amolece a crise: *Teresinha*. Cheira a flores, cheira a rosas, tudo resulta pequenino, bom, amável, terno. Já em Espanha ia sucedendo análogo percurso, com *Teresita* a suplantar *Teresa*. As biografias são vazadas num estilo singular, novo, em que o elenco de substantivos e de adjectivos afectivizados é quase denso. Não se dá um passo sem *raínha*, *florinha*, *mãezinha*, *paizinho*, sem transportes de meiguice. Tudo é meiguice, a começar pelo Menino Jesus. O que provocará certa incoerência analógica na tradução de algumas expressões. Porque, se *Teresa é Teresinha*, então «petite voie» não se traduz por «pequeno caminho», mas por *caminhinho*. E é de facto *caminhinho*, porque «pequeno caminho» não equivale a *caminhinho*. Nem *pequena via* exprime o íntimo sentido do pensamento da carmelita. *Caminho* é de *Teresa*, *caminhinho* é de *Teresinha*. De modo análogo, a expressão «âmes petites» que alguns traduziram, abrindo caminho a um dislate, por «almas pequenas». Porquê traduzir por *almas pequenas*, e não por *alminhas*, se afinal de contas não traduzimos *petite fleur* por *pequena flor* mas por *florinha*? Recorrendo com maior liberalidade aos sufixos *-ita/ito*, os castelhanos foram mais prontos e lúcidos na construção do vocabulário teresiano, sem complexos face à língua francesa. E vulgarizaram *Teresita*, *caminhito*, *florzita* e outras análogas formas de coerência discursiva; aqui, talvez por complexos inatingíveis, chegou-se a traduzir bem umas expressões, e mal outras. O sufixo *-inha/inho* responde por inteiro à intimidade afectiva dos sentimentos da carmelita e não há que temer a queda em pieguice. E, não obstante, entre as objecções que se puseram ao culto de *Teresinha*, – condenação de reclames comerciais que usavam o seu nome, inflação de literatura hagiográfica explorando a vertente emotiva, a multiplicidade de devoções um tanto assistemáticas e desgarradas, a milagrite ou excesso de proclamação de graças e de milagres – a pieguice foi uma delas<sup>1</sup>. Esta pieguice resulta do esquema relacional entre o fiel e a santinha: a subjectividade fala mais alto. Há uma só Santa Teresa do Menino Jesus, sim; mas há uma *Teresinha* para cada um, para cada uma. Esta relação de simpatia e de proximidade não obstou a que, em 1935, cerca de

<sup>1</sup> G. Hoonart, S.J., «Objecções contra o culto teresiano», in *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 6, n.º 63, 1935, pp. 1-3.

57.000 portugueses subscrevessem a lista da campanha a favor da atribuição do título de «Doutora da Igreja» a Teresinha, isto é, não a Teresa, mas a Teresinha. Não é exacto que uma das novenas diz: «Chamo-vos Teresinha, pois é essa a vossa vontade, e eu sinto-me tão bem pronunciando o vosso dulcíssimo nome - Teresinha!...»?

A época de recepção de Teresinha caracteriza-se por uma nova pastoral: a da santidade da infância e da adolescência. No Porto saíam com regularidade os opúsculos com as biografias da Colecção Parvuli: *A Rosinha Branca (Odette, 1921-1930)*, pelo Padre J. Bæteman, narrando a vida sacrificial de uma filhinha de operários dos arredores de Paris, delicada, pura, acto de amor ao Menino Jesus; ou *O 'Deo Gratias' duma Criancinha. Augusto Magne, 1920*, de Sozère (França), que morreu desejando muito ir para o céu ver o Menino Jesus. É toda a assunção da infância espiritual e também da espiritualidade da infância e da juventude<sup>2</sup> esmorecida quando, em 1937, o papa Pio XI suspendeu os processos de canonização de crianças, talvez porque nem sempre as provas de heroísmo estavam claras nesses processos. Aos santos barbudos envolvidos na pastoral da juventude preferem-se novos modelos: S. Domingos Sávio, S. Luís Gonzaga, Beato Nuno (que até é barbudo, mas estava na moda a seguir a 1918 dentro do esquema emblemático Fé e Pátria) e, mais ao tarde, Santa Filomena e Santa Maria Goretti. Maria Goretti sucede de algum modo, nos meados do século (1947 mais ou menos) a lacunas não preenchidas por Teresinha. O Padre Abel Varzim, prior de Nossa Senhora da Encarnação (Chiado) ergueu-lhe um altar junto da entrada direita da Igreja; e este altar tornou-se um santuário, de modo que, talvez por razões diferentes, pessoas que costumavam descer a Calçada do Combro para visitar Teresinha na igreja das Mercês, acabavam por se ficar com Maria Goretti no Chiado.

Quanto à devoção a Santa Filomena, radicou de um modo extraordinário na religiosidade popular, sendo considerável o número de crentes que usaram o «cordão de Santa Filomena», tida e havida como virgem inteiramente consagrada a Jesus Cristo, embora muito antiga, enquanto Teresinha era moderna. Tinha festa a 11 de Agosto, e as orações constavam dos Devocionários popu-

---

<sup>2</sup> De J. Blouet lia-se em Portugal o livrinho intitulado *La santification des enfants, A santificação das crianças*. Em 1955 retomou-se a questão da espiritualidade da infância cristã, dando-se Teresinha como paradigma.

lares. Aliás, a devoção já datava de 1805, sendo anterior à devoção por Teresinha. Quando a Sagrada Congregação dos Ritos determinou (14.2.1961) que a santinha fosse retirada de todos os calendários, traumatizou a piedade popular porque, afinal, não havia nenhuma Filomena. A decisão fez tremer a fé simples de muita gente - e, talvez, por isso, a concessão de que, tendo existido ou não, possa ser celebrada com qualquer liturgia comum das virgens mártires; e a exposição da imagem não foi proibida, aliás continua exposta em capelas e igrejas rurais e já vimos uma capela - onde, oh memória? - em que Teresinha das rosas está do lado da Epístola e, defronte dela, do lado do Evangelho, a cor de rosa Filomena.

Um dos primeiros biógrafos portugueses da «Florinha de Lisieux», que vivia em Paris, e foi assíduo peregrino ao santuário, escreveu: «Em Portugal, nunca ouvi dizer Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face. Ouvi sempre Santa Teresinha do Menino Jesus...»<sup>3</sup> - e em seu livro nos apresenta a mulher, a freira e a santa, tentando captar a própria sensibilidade da santa, expressa em ondas de infinita ternura, a exigir um estilo de equivalente ternura. Retirar da auréola da carmelita todo o jogo de figuras retóricas diminutivas é torná-la *prosaica*, falsear a sensibilidade. Simpatizar é imitar. E, como diz o onomatopeísta, *-ão* nunca traduz *-inho*.

A piedade portuguesa imergiu no jogo e contribuiu para desintelectualizar as devoções. Com efeito, iam surgindo hagiografias, algumas delas carregadas ao intelectualismo formalista, em que a santinha como que desencarna. O primeiro biógrafo português, que também viveu em França, e escreveu a vida da beata para as crianças, advertiu-as da seguinte forma: «Já a vemos com as honras dos altares; e, dentro em breve, teremos a consolação de modificar o tratamento familiar que ela a si mesma se dava, de «Teresinha», para, acompanhando a Santa Igreja, lhe darmos piedosamente a invocação de Santa Teresa do Menino Jesus»<sup>4</sup>. O livro intitula-se *Teresinha*. José Maria Baltazar Teles nomeia-a «Florinha da Virgem» e insiste em *Teresinha*. O autor foi um considerado hagiógrafo, tendo escrito e publicado o *Florinhas Apostólicas* (1946) com a vida do Padre Cruz, e também biografias das «Florinhas de Fátima», os pastorinhos. Como modificar nos jovens leitores *Teresinha* em *Teresa*?

<sup>3</sup> Carlos Alberto Ferreira, *Santa Teresinha, carmelita de Lisieux*. Lx.<sup>a</sup>, 1928, p. 9.

<sup>4</sup> Alexandre de Carvalho, *A Teresinha*. Porto, 1925, p. 5.

Então, Manuel Bandeira, o poeta brasileiro já querido em Portugal no primeiro terço do século XX - e num livro de poemas que foi deveras lido por cá, e adoptado como obra nossa, - resolveu o problema na «Oração a Teresinha do Menino Jesus»:

«Perdi o jeito de sofrer  
 Ora essa.  
 Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.  
 Quero alegria! Me dá alegria,  
 Santa Teresa!

Santa Teresa não, Teresinha...  
 Teresinha... Teresinha...  
 Teresinha do Menino Jesus.

Me dá alegria!  
 Me dá a força de acreditar de novo  
 No  
 Pelo Sinal  
 Da Santa  
 Cruz!  
 Me dá alegria! Me dá alegria,  
 Santa Teresa!...  
 Santa Teresa não, Teresinha...  
 Teresinha do Menino Jesus.»<sup>5</sup>

Também o poeta brasileiro Rui Ribeiro Couto contribuiu para esta nomenclatura. Viveu em Lisboa, na Rua Castilho, na época do ascenso do culto, e publicou um texto de grande interesse: *Presença de Santa Teresinha*, o qual foi lido pelos poetas seus amigos (José Régio, Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal, pelo menos).

## 2. Primórdios do culto

O precursor do culto foi o jesuíta Manuel Fernandes Santana (Funchal, 1864 - Lisboa, 2.5.1910). Coursou preparatórios no Colé-

---

<sup>5</sup> Manuel Bandeira, *Libertinagem*. Rio de Janeiro, 1930. Este poema chegou a ser declamado por João Villaret e por Manuel Lerenó, actores e recitadores de poesia.

gio de S. Fiel (diocese da Guarda) na época em que ali teve por condiscípulos vários nomes que ficaram notáveis na nossa vida eclesial - padres, bispos e leigos, alguns deles fundadores do primeiro círculo português de acção católica, o C.A.D.C., de Coimbra. Iniciou os estudos teológicos em Cuenca (1892) com jesuítas franceses e terminou-os em Angers, tendo sido aqui a origem do seu interesse pelo Carmelo de Lisieux. Santana regressou a Portugal em 1897, desenvolvendo então fortíssima acção apologética (fundação da Liga da Acção Social Cristã e teorização da moderna acção católica). Conheceu o original francês da *História de uma alma*, de cuja leitura fruiu importante ajuda espiritual, e pôs em mente que tão mística obra deveria ser dada a ler aos portugueses. Obtendo o concurso da tradutora D. Laura Júlia Moreira, e fazendo ele mesmo a revisão, a Livraria Férin (Lisboa) apresentou a edição - *Soror Theresa do Menino Jesus - Historia d'uma Alma* (1906). Santana apresenta o livro mediante uma adequada introdução biográfica e exegetica, salientando os carismas da infância espiritual e os méritos sobrenaturais da «história de Teresa». A edição como que se apresentou beatificada, uma vez que todos os bispos portugueses deram a aprovação, um por um, ao novo livro, concedendo indulgências, uns mais, outros menos: José, Cardeal Patriarca (cem dias), Manuel, arcebispo primaz (cem dias), Augusto, arcebispo eborense (cem dias), António, arcebispo do Algarve (trata-se de D. António Mendes Belo, 40 dias), Gaudêncio, de Portalegre (40 dias), Manuel Vieira de Matos, arcebispo-bispo da Guarda, (50 dias), José, de Viseu (40 dias), Manuel, do Funchal (50 dias) António Xavier, de Beja (60 dias), José, de Bragança (50 dias), António, do Porto (50 dias), Francisco José, de Lamego (50 dias) e Francisco, prelado de Moçambique (40 dias)<sup>6</sup>. Cada uma das aprovações é constituída por uma breve epístola, em que cada bispo exara as razões pelas quais recomenda o livro, põe a tónica num aspecto da espiritualidade, e define as indulgências.

Sendo essa edição um tesouro que só raros possuem, uma vez que não voltou a reeditar-se; e porque aqueles bispos pertenceram a uma geração embebida no culto de um novo autor místico, registam-se alguns breves trechos:

«É tão afectuosa e simples a sua bela alma: tão natural e cândida nos seus transportes de amor para com Jesus Menino, que

<sup>6</sup> Ed. cit., pp. XI-XXIII.

delícia o coração, e sente pena de não ser assim» (José, Cardeal Patriarca).

«Que encanto celestial! Que admiráveis efeitos da graça divina! A que ponto de perfeição, a que culminâncias de santidade pode o amor divino elevar uma pobre criatura humana! (...) Espero firmemente que um dia esta flor será entre flores e luzes venerada nos altares de nossos templos» (Augusto, arcebispo de Évora).

«Pensa, e fala de Deus com tanto respeito, veneração e devoção, que o leitor fica abismado na consideração de tamanho fervor de piedade, e exaltados afectos, que brotam de alma tão cândida» (Gaudêncio, de Portalegre).

«Os directores de almas acharão ali doutrinas incomparáveis, que lançam a maior luz sobre os mistérios da vida interior; as almas que aspiram à perfeição, encontrarão nela um guia seguro, um exemplo luminoso, suavíssimo e atraente da vida cristã» (Manuel, bispo da Guarda).

«Quem nos dera que este livro delicioso entrasse em todas as casas e fosse manjar preferido de todas as donzelas» (Manuel, bispo do Funchal).

E foi com a *História de uma alma* que se iniciou a lavra da devoção portuguesa. Santana correspondeu-se com Lisieux<sup>7</sup> e promoveu a difusão da espiritualidade de Teresinha enquanto pôde. Teve uma graça: conheceu a Condessa de Sarmento, leitora dos escritos de freira carmelita, acerca da qual chegou a corresponder-se com D. Augusto Eduardo Nunes, sendo conhecida uma carta deste bispo para ela, com data de 22 de Novembro de 1905 sobre o espírito de Teresinha<sup>8</sup>. Contribuiu de modo significativo para as primeiras despesas da beatificação com um donativo de dezasseis mil francos. O falecimento do P. Santana e o novo clima social derivado da implantação da República com a Lei da Separação, interromperam, pelo menos a nível público, o processo promocional, mas a semente estava lançada: o livro de *Teresinha*. Os jesuítas continuaram a interessar-se pela espiritual carmelita, e como, julgamos, os direitos de tradução e de edição ficaram pertença da Livraria Férin, preferiram editar uma nova tradução - *Historia de uma alma escrita por ela propria* - feita pelo Padre Luís Maria Alves Correia

<sup>7</sup> Seria oportuno o estudo, e oportuna a publicação da correspondência, considerando o alto gabarito do Padre Santana.

<sup>8</sup> *Historia d'uma alma*, ed. cit., p. XII-XIV,

(1925) tradução essa que em 1979 já atingira a 10.<sup>a</sup> edição, sendo a mais conhecida em todo o país.

Vale a pena voltar atrás. Em 1918, ainda Teresinha nem beata era, regressava de Roma o Padre Manuel Mendes do Carmo (fal. 1966) com o livro da carmelita. Colega e amigo do Padre Joaquim Augusto Álvares de Almeida (isto é, o poeta e romancista Nuno de Montemor) ofereceu-lhe o livro. Era na Guarda, inverno de 1918. Ali vivia um sacerdote natural de Ourém, o Padre Francisco dos Prazeres, republicano, algo laicizado, mas alma em flor, como provou ao fundar de sua conta e risco o Hospital da Misericórdia na cidade. Dirigia um jornal, *O Districto da Guarda*, e não acreditava em Fátima. Nuno de Montemor visitou-o, como amigo que era, e emprestou-lhe o livro de Teresinha. Uns três dias antes de morrer (1918) Mendes do Carmo visitou Prazeres. E falaram: de Fátima, mas sem efeito. Prazeres mudou a conversa para Teresinha, e disse mais ou menos: «O Almeida emprestou-me o livro que v. lhe ofereceu. Aquilo, sim. Aquilo é que é uma santa!». Este testemunho sai da memória do autor, que o terá registado há bem mais de trinta anos, segundo testemunhos pessoais.

Olhemos agora algumas das principais vias de importação do culto, para além da que inere ao apostolado do Padre Santana e ao caminho aberto pelo livro de Santa Teresinha. As peregrinações a Lourdes e a La Salette puseram os nossos peregrinos em comunicação com o surto devocional a Teresinha. É sabida a regularidade das peregrinações portuguesas a Lourdes, sobretudo entre Maio e Outubro, com preferência para os meses de verão. Quando um dia se inventariarem, nem que seja de modo subsidiário, as relações entre os portugueses e Lourdes, há-de ver-se a importância do movimento peregrinacional, a pontos de haver guias de peregrinação redigidos por escritores portugueses. O grande militante que foi o Conde de Samodães, figura de proa do renascimento católico no fim do século XIX e no primeiro quartel do século XX, vangloriava-se de ter peregrinado vinte e cinco vezes a Lourdes. Alguns peregrinos mais abastados ainda se deslocavam a Paray-le-Monial. Quase sempre viajavam em grupo, de combóio, mas havia peregrinos que iam só com a família, ou sem companhia. De França traziam notícias, pagelas e publicações relativas à Florinha do Carmelo, que progressivamente desafiou numerosos portugueses para uma peregrinação.

As peregrinações contribuíram para a difusão do culto.

Sem prejuízo dos peregrinos a título individual, ou familiar, as peregrinações de portugueses em grupos maiores começaram cedo.

Uma das primeiras foi a organizada na diocese do Porto em Agosto de 1927, presidida pelo bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, por o bispo do Porto ter adoecido.

Para ser entoado pelos peregrinos, um deles, o então estudante de Teologia, Francisco Moreira das Neves, compôs um hino, com música de Afonso Valentim:

«Santa Teresinha, Virgem imortal: Lança as tuas rosas Sobre Portugal!	Enche as nossas almas Desse heroico amor Que tão vivo ardera Na tua alma em flor.
Somos teus devotos: Vimos a teus pés Com a Fé do antigo Povo Português.	Através da bruma Da maré que passa, Reza a Deus pela nossa Decaída Raça.
Lírio imaculado Do jardim da França: Faz crescer a doce Luz da nossa esperança.	Nunca deixes, nunca, Que o pendão das Quinas Venha a ser mortalha Dum montão de ruínas.

Santa Teresinha,  
Virgem imortal  
Dá-nos a tua bênção!  
Salva Portugal!<sup>9</sup>

Houve, depois, várias outras, principalmente as organizadas pelo Padre Marques Soares. Registe-se, não obstante, que as peregrinações sofreram paragens motivadas pela Guerra Civil em Espanha (1936-1938) e pela II Grande Guerra (1939-1945), pois raras pessoas se atreviam a atravessar a fronteira, nem para Espanha, e ainda menos para França. As maiores peregrinações efectuaram-se em tempo de paz.

Uma segunda via é constituída pela leitura de *Les Annales de Sainte Thérèse de Lisieux*, ou, como se dizia em português, os *Anais de Santa Teresa de Lisieux*, publicação que teve diversos assinantes entre bispos e sacerdotes, pelo que, não sendo uma leitura popular, formava agentes de opinião com influência junto dos fiéis. Idêntico

<sup>9</sup> Música e letra in *Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*, Outubro/Dezembro, 1983, p. 23.

juízo se formula acerca de alguns livros franceses que foram comprovadamente lidos em Portugal, e de que nos limitamos a citar: *Courtes méditations sur les paroles de Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus*, de Dominique Roland Gosselin; *Méditations sur Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus*, de Eugène Vandeur; *Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus*, de Louis Prunel; *L'Imitation de Saint Thérèse de l'Enfant Jésus*, de S. Navantés, entre outros. Na revista bracarense de liturgia *Opus Dei*, António Coelho e outros colaboradores (entre eles, talvez de forma anónima, Fr. Bernardo de Vasconcelos) publicaram recensões destas obras, aliás referidas noutras publicações da mesma época, anteriores a 1930.

A partir de 1925, há um razoável grupo de hagiografias, de origem portuguesa e estrangeira, em tradução. Entre 1925 e 1935, anotemos obras assinadas por: Alexandre de Carvalho, Carlos A. Ferreira, Monsenhor Laveille, António Corrêa d'Oliveira, H. Petitot; entre 1935 e 1950, registem-se títulos de José Maria Baltazar Teles, Faure Biguet, Armando Vieira Novo, W. Sackville e S. Piat; depois de 1950 há uma sensível diminuição de edições: Jesualda do Espírito Santo, Maria Luísa Uralde de Jesus, A. Richomme, e Januário dos Santos, para além de uma biografia a todos os títulos notável, do grande romancista que foi Maxence van der Meerch, cuja *Santa Teresinha* obteve assinalado sucesso editorial. Também se leu, de Hans Urs von Balthazar, a *Santa Teresa de Lisieux*, que nos ficou bastante cedo acessível em língua castelhana.

### 3. Ecos da beatificação e da canonização

A notícia da beatificação correu na imprensa em meados de Fevereiro de 1923. O semanário portuense *A Ordem* deu honras de primeira página à notícia, chamando «venerável» à religiosa carmelita<sup>10</sup>. Noticiário actualizado reaparece após a cerimónia da beatificação, ocorrida «sob a cúpula de S. Pedro»<sup>11</sup> em Roma, no pontificado do papa Pio XI, em 29 de Abril de 1923. Entre os convidados ilustres foi anotada a presença de S.M. a Rainha Senhora D. Amélia de Orleães e Bragança. Toda a imprensa católica se faz eco da bea-

<sup>10</sup> *A Ordem*, Ano X, n.º 508, 24.2.1923. p. 1.

<sup>11</sup> *A Guarda*, Ano 19, n.º 837, 12.5.1923, p. 1.

tificação, embora sem grande ressonância, talvez porque se aguardasse acto mais solene.

Não obstante, o Padre Marques Soares, figura incontornável do processo português de Teresa de Lisieux, desfolhou sobre Portugal uma tiragem de cento e trinta mil pagelas de propaganda com orações a pedir graças, sendo as pagelas ilustradas com uma imagem, enquadrada por uma vinheta em estilo manuelino, toda florida de rosas, tendo, ao centro, sob o escudo nacional, a jaculatória - «Salvai Portugal». No ambiente do pós-sinodismo, em que os católicos continuavam em luta pela devolução das liberdades, direitos e garantias, e num ambiente popular deveras motivado pelos apelos de conversão vindos de Fátima (ainda à revelia dos hierarcas) ocorre a associação de Teresinha ao movimento católico. No dia 13 de Maio de 1923, quinze dias após a beatificação, obtido o consentimento do bispo de Lisboa e do prior de Belém, uma assembleia, presidida pelo Padre Marques Soares, levou a efeito uma cerimónia religiosa de acção de graças e de promoção do culto da nova beata. O promotor deu significado ao evento, como que adivinhando que Teresinha iria ser proclamada Padroeira das Missões. Dali haviam saído levas de missionários para todo o mundo, séculos atrás. No ano seguinte, em invernos domingo, dia 10 de Fevereiro de 1924, procedeu-se a uma grave cerimónia, na presença da melhor sociedade lisboeta. Tratou-se da entronização da primeira imagem da beata, que ficou numa edícula da capela do lado da Epístola da mesma igreja dos Jerónimos. Ainda lá se encontra. Pio XI autorizara que, nessa cerimónia se celebrasse a missa própria das Virgens. Todas as obras paroquiais (Irmandade do Menino Jesus, Associação Patriótica Frei Nuno, Congregação das Filhas de Maria, Apostolado da Oração e grupos já então chamados Acção Católica) se envolveram na preparação e vivência da festa de que foi prégador o Padre Marques Soares. O mote do sermão - Fé e Pátria. Entre o mais, disse:

«Então Sóror Teresa, arrebatada de entusiasmo, encantada com a sua missão de advogada e defensora da terra lusitana, com uma das mãos agitando e erguendo bem alto o estandarte da Cruz de Cristo toda florida de rosas, e com a outra mão acenando à lusa gente num gesto solene de comando, alevanta a sua voz prodigiosa de taumaturga e brada, com a vibração de um clarim:

Meu querido e heróico Portugal, em nome de Deus e da Virgem, tua excelsa Padroeira, alevanta-te do pó em que jazes

abatido, ergue aos ares o escudo das quinas que foi o teu brasão de glória, abraça-te com amor à Cruz de Cristo que palpitava no velame das caravelas do Infante de Sagres, empunha com mão robusta o estandarte onde flutua impressa a chaga do Sagrado Coração de Jesus, veste de novo o teu manto de príncipe das nações e ressurge honrado, majestoso e grande na tua épica missão de soldado da Cruz, de apóstolo de Cristo.

Terra de Santa Maria, perfumado canteiro das minhas rosas, «jardim de flores à beira-mar plantado», a meu rôgo, o Senhor vai fazer reverdecer, estrelar-se de botões e tocar-se de rosas a velha, a afamada roseira lusiada das tuas glórias de antanho.

Meu velho e querido Portugal, em nome de Deus e da Virgem, eia! sus! levanta-te em pé! caminha! àvante!<sup>12</sup>

No ensejo, o integralista dr. José Pequito Rebelo proferiu uma «Oração pela Pátria», concitando os favores da nova beata para o destino de Portugal. Hipólito Raposo, seu companheiro de luta, também esteve presente e registou essa festa a que foi levado por D. Carolina de Oliveira Queiroga. E, do que viu e ouviu, Hipólito conclui: «Ler ou ouvir contar a sua (de Teresinha) vida é sentir a irradiação invencível de uma perfeição sem sombras nem contrastes»<sup>13</sup>.

Pio XI determinou que a canonização se fizesse em 17 de Maio de 1925. Ora, os bispos portugueses, tinham aprazado uma peregrinação jubilar a Roma, peregrinação essa cujo calendário lhes permitiria participar na solenidade. Passariam os portugueses por Lourdes. Eram oito mil, sob a presidência do cardeal D. António Mendes Belo e na companhia de todos os bispos portugueses. De fiéis, só de Lisboa saíram quatro combóios! Os principais diários enviaram repórteres, que registaram vivíssimas crónicas que ainda hoje se lêem com muito gosto, e damos por exemplo as de Norberto de Araújo (*Diário de Lisboa*), Aprígio Mafra (*Diário de Notícias*) e Tomaz de Gamboa (*Novidades*), sendo que este, através de uma equipa formada por Tomaz de Gamboa, P. Luís Gonzaga da Fonseca e dr. Alberto Diniz da Fonseca, produziu uma edição romana do *Novidades* para os peregrinos<sup>14</sup>, que viveram a canonização de modo impressionante. O clima dessa vivência, mesmo nos

<sup>12</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 1, n.º 2, 1930, p. 15.

<sup>13</sup> *Idem*, *idem*, pp. 16-17.

<sup>14</sup> A Roma!, in *Novidades*, Ano II, n.º 493, 7.5.1925, p. 1 e seguintes.

dias antecedentes foi tal que, em Coimbra, se propôs uma conferência laica contra Fátima e contra a peregrinação portuguesa a Roma, conferência essa promovida pelo famoso publicista anti-católico Dr. Tomás da Fonseca.

Em Roma, de portugueses distintos, além dos senhores bispos, estiveram D. Manuel II, sua mulher, D. Augusta Vitória, e sua mãe, D. Maria Amélia, o embaixador em Roma, o Padre Cruz, e figuras do militantismo, como o músico poveiro Josué Trocado e o prócere escuteiro D. José de Lencastre, sempre de escuteiro vestido. Outro peregrino foi o doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcellos, que escreveu uma reportagem do acontecimento, e que ficou muito impressionado quando, num dado momento da cerimónia, sobre o povo caiu uma chuva de pétalas de rosa, em papel, tendo cada pétala, estampado, um pensamento extraído dos escritos da nova santa. Também José Pequito Rebelo veio impressionadíssimo. E todos os peregrinos trouxeram a versão portuguesa de uma nova oração, recriada em tempo de Ano Santo:

«Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face que durante a tua vida mortal desejavas conservar-te em espírito continuamente aos pés da Cruz para recolher o orvalho divino da salvação e derramá-lo de seguida sôbre as almas, agora que contemplas o Salvador ressuscitado, alcança-nos, como te suplicamos, que neste *Ano Santo* os frutos da Redenção sejam aplicados a inumeráveis almas. Assim seja.»<sup>15</sup>

Na Basílica da Estrela, e sob a presidência do vigário geral do patriarcado, cónego Manuel Anaquim, 1.800 fiéis celebraram um piedoso *Te Deum*, em que prérgou o Padre João Trindade; e também houve festas nas paroquiais de Santa Isabel e do Beato. Longe de imaginar que a sua paróquia estava destinada a transformar-se no principal centro irradiador do culto teresiano no país, o químico e militante católico, Doutor Dom António Pereira Forjaz, tecia o panegírico da nova santa<sup>16</sup>, que apresentava como a santa dos tempos modernos e bom augúrio para a Igreja.

<sup>15</sup> Cf. *Rosas de Santa Teresinha*, Ano I, n.º 5, 1930, pp. 49-54; *Novidades*, Ano II, n.º 504, 18.5.1925, p. 1.

<sup>16</sup> D. António Pereira Forjaz, «Santa Teresinha», in *Novidades*, Ano II, n.º 503, 17.5.1925, p. 1.

Enfim, poeta que guardou o anonimato, e que se limitou a assinar G., elaborou, na semana de 17 a 24 de Maio de 1925, um poema em nove quadras de jeito popular, que manteve inédito durante uns bons dez anos. É pessoa que se diz marcada pela doutrina de Teresinha, desde que leu a *História duma alma*. É o autor do poema «Uma novena numa oitava»:

«Teresinha já é Santa já sorri no seu Altar: e a linda Chuva de Rosas minha alma vai inundar!	Teresinha da minha alma, exemplo de amor perfeito, inunda de amor de Deus A secura do meu peito.
As Rosas de Teresinha são de macio veludo e trazem às nossas almas o fervor, a paz e tudo.	O meu coração é duro, mas ele há de amolecer: a T'resinha do Amor Puro tudo me pode fazer.
Ó Teresinha querida, Pomba de meiga candura, deixa cair do teu Céu vivas fontes de doçura!	A minha alma é muito fria, não sabe amar o Senhor: mas Teresa e Teresinha hão-de ensinar-me esse amor.
A Teresinha e Teresa são do Carmo lindas flores; mas a Teresinha agora rouba todos os amores.	A linda Flor do Carmelo põe em Deus toda a confiança; diz que ela não tem limites: como é doce esta esperança!

Ó Teresinha bendita  
nunca te esqueças de mim:  
leva-me ao Céu junto a Ti  
a gozar a Deus sem fim!»<sup>17</sup>

Deverá ter elaborado o seu poema, na mesma época do ano de 1925, o Padre Manuel Nunes Formigão, o apóstolo de Fátima. Intitulou-o «As rosas de Santa Teresinha» e nele junta o amor de Jesus, do Santo Padre (chave inevitável na mensagem da Cova da Iria), o culto da Pátria, e a idealidade de Nuno de Santa Maria e de Nossa Senhora. Antes do poema, recordemos que, em 1933, o cónego Formigão viajou pela Europa em visita a institutos de vida religiosa, com vista à fundação do seu próprio instituto, que veio a

<sup>17</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 6, n.º 71, 1935, p. 7.

ser o das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. Chegou a Lisieux em 14 de Outubro desse ano e celebrou junto do túmulo de Santa Teresinha, antes de sair rumo a Paris e a Roma. E escreveu: «Lisieux, como Lourdes e Fátima, é um lindo cantinho do céu»<sup>18</sup>. Eis o poema:

Uma noite eu tive um sonho,  
- um sonho extraordinário:  
via de Cristo o Vigário  
imerso em ondas de luz,  
pousava uma linda pomba  
sobre a tiara sagrada  
e na augusta fronte nevada  
lia-se um nome: *Jesus*.  
No céu estrelas sem conto,  
na terra paz infinita...  
(dir-se-ia a noite bendita  
- santa noite de Natal),  
cantos das aves nos bosques,  
hinos de Anjos nas alturas,  
aromas entre verduras,  
flores na serra e no vale?  
Então um vulto sublime,  
- radiosa visão de encanto! -  
se abeira do Padre Santo,  
envolto num branco véu:  
traz nas mãos um açafate  
com as flores mais mimosas,  
as mais várias, lindas rosas  
que dão os jardins do Céu.  
Tem no rosto a paz dos justos,  
tem dum Anjo a formosura,  
só respira amor, candura,  
e brilha como um farol:  
nos olhos puros e belos  
retrata-se o Paraíso,  
nos lábios paira um sorriso  
- reflexo do Eterno Sol.  
Aqui trago - diz o vulto  
na mais graciosa atitude -

---

<sup>18</sup> Maria da Encarnação Vieira Esteves, *Apóstolo de Fátima, Côn. Manuel Nunes Formigão*. Braga. 1993, p. 43.

raras flores de virtude  
 que nasceram junto à Cruz:  
 pede-as Nuno para a terra  
 da Divina Padroeira,  
 onde as armas da bandeira  
 são as chagas de Jesus.  
 São rosas da Teresinha  
 - linda oferta que seduz!<sup>19</sup>

Este poema tem história. A versão acima deve ter sido a última, aliás tornada pública. Há uma versão, datada de 18 de Maio de 1925, quando as suas colaboradoras Maria Andaluz e Maria Helena Mendes se achavam em Roma nas festas da canonização, em que a última estrofe é inteiramente diferente. Nela, o poeta menciona os nomes de ambas as cooperadoras e as duas obras a que, com elas, se achava ligado: a Creche dos Inocentes e o Pensionato Andaluz, de Santarém. O poema teria sido declamado numa festa, nesta cidade, no próprio dia 18, em associação ao que se passava em Roma. Eis a última estrofe, na decerto primeira versão do poema:

«Aqui trago - diz o vulto  
 na mais graciosa atitude -  
 flores de ciência e virtude  
 que nasceram junto à Cruz:  
 Levem-nas Luiza e Helena,  
 em Roma agora presentes,  
 à Creche dos Inocentes  
 e ao Pensionato Andaluz».

... São rosas da Teresinha.  
 - linda oferta de Jesus!<sup>20</sup>

A analogia do nome com o de Teresa de Jesus levou a transposições. Uma devota contou-nos o seguinte episódio: «Andando no jardim do convento, surgiu um menino que indagou - Quem és tu? - Sou Teresinha do Menino Jesus, e tu, quem és? - Sou o Menino

<sup>19</sup> *Voz da Fátima*, ano 3, n.º 33, 13.6.1925, p. 4.

<sup>20</sup> J. Maria Alonso, *O Dr. Formigão, homem de Deus e apóstolo de Fátima*, Fátima, 1979, p. 179. Diz que o poema estava inédito. Com efeito, a versão primeira estava, não a publicada em Junho de 1925.

Jesus de Teresinha». Ora, esta ampliação, de tipo barroquizante, já se atribuía ao contexto hagiológico de Santa Teresa de Ávila.

E veio a Missa! O *Decreto Urbis et Orbis* emitido em 13 de Julho de 1927 pela Sagrada Congregação dos Ritos, marca a festa de Santa Teresinha para o dia 3 de Outubro (pela reforma litúrgica conciliar passou para o dia 1 do mesmo mês), e determina que a missa seja a do comum *dilexisti*<sup>21</sup>. Com a nomeação para Padroeira das Missões, há missionários que não sabem como proceder nas missas em missão. E interrogam o liturgista D. António Coelho: - «Os missionários têm obrigação de juntar, na oração *a cunctis*, os nomes de S. Francisco Xavier e de Santa Teresa do Menino Jesus?» Resposta: «Não. Só há obrigação de juntar o nome do titular da igreja em que se celebra».

A missa dizia-se em latim. Crescia o número de fiéis que desejava conhecer o conteúdo das várias orações no decurso do ritual, e, estava a tornar-se moda ir à missa com missal. Precursor e obreiro desta técnica pastoral foi o liturgista Monsenhor João Crisóstomo de Freitas Barros, cujo *Missal Romano Quotidiano*, em língua portuguesa, obteve enorme e continuado sucesso através de sucessivas edições. Quem sabia ler, sempre levava «o Barros» na mão, ou sobraçado. Enquanto o sacerdote orava em latim, o fiel seguia pelo seu missal. Ao tarde, este costume mereceu críticas, e talvez justas, quando se viam assembleias cada um lendo para si mesmo, muitas vezes se quebrando o sentido comunitário da celebração. O Padre Joaquim Alves Correia, aliás autor de um livrinho intitulado *Missal dos Pequeninos*, em artigo que citamos na Bibliografia, rebelava-se contra o costume de os fiéis participarem com «livrinhos de missa». Achava ele que tais livros se destinavam à preparação da missa, que os fiéis deveriam fazer em casa, para melhor seguimento da liturgia, e não para «conferir» as leituras latinas *versus* língua portuguesa. Mas foi um modismo que teve um aspecto positivo: contribuiu para o apuramento do gosto da utilização litúrgica da nossa língua. E logo no Intróito, enquanto o sacerdote, paramentado de branco, dizia: «*Veni de Líbano, sponsa mea, veni de Líbano, veni...*», (*Cântico dos Cânticos*, 4, 8) lia o fiel: «Vem comigo do Líbano, ò minha esposa; vem comigo do Líbano, vem...». E depois a Epístola, tirada de *Isaías* 66, 12-14; o Gradual, o Evangelho (*Mat.*,

<sup>21</sup> Decreto da Santa Sé. Ofício e Missa de Santa Teresa do Menino Jesus, in *Opus Dei*, Vol. I. (Braga, 1926-1927) p. 345.

18, 1-4) e as orações do Ofertório, da Secreta, do Comunio e por fim, a belíssima e ardente prece póscomunal: «Que este mistério, Senhor, nos abra-se no fogo celestial, ao qual a vossa virgem Santa Teresa se ofereceu como vítima de amor pelos homens», - «*pro homínibus caritatis víctimam devóvit*». Braseiro de ternura, esta missa. E quase sempre havia quem, nesse final sagrado, sentisse os eflúvios e os perfumes das rosas de Santa Teresinha.

Já muita gente sabia cantar o Hino de Teresinha - «Sabeis, Senhor...», quando um devocionário se tornava urgente. Trabalhou-o o Padre José Cascão de Araújo, que o viu editado por uma livraria de grande prestígio, a Povoense Editora, que fora adquirida por Francisco Alves de Vasconcelos. Esta livraria fora aquela que editara a famosa «Colecção Scientia e Religião», dirigida por Gomes dos Santos e completada por Artur Bivar. O devocionário intitula-se *Rosas Celestes*, é de 1927, e enche o bolso: biografia da santa, selecta de pensamentos, elogios pontifícios, orações ao Menino Jesus, à Sagrada Face, ao Pai Celeste, o Acto de Oferecimento, as variantes das novenas, orações avulsas, um esquema para a Hora Teresiana (mensal) e o Hino a Teresinha, letra do jesuíta Paulo Durão, e música do seu confrade Gonzaga Mariz. Eis o Hino:

### CORO

Da nossa nação as empresas famosas  
Estão rubricadas da cruz imortal,  
Ó flor do carmelo, engrinalda-a de rosas!  
Na cruz engrinalda também Portugal

### I

As rosas celestes que tens em teus braços  
E espalhas do céu n'um sorriso de amor,  
A eles te vêm, através dos espaços,  
Das mãos carinhosas da Mãe do Senhor.

### II

A Virgem que outr'ora de amor te sorria  
É nossa Rainha, sorri-nos também.  
Esfolha essas rosas que a Virgem te envia;  
Por ti no-las manda do céu nossa Mãe.

### III

A glória da Pátria tão grande e tão bela  
Agora parece esfolhado rosal;

As rosas celestes derrama sobre ela,  
Floresça de glória outra vez Portugal.

#### 4. A Revista «Rosas de Santa Teresinha»

A promoção devocional passa por três publicações periódicas que se sucederam em cadeia, e por quatro homens que, em diferentes tempos e circunstâncias, as fundaram ou mantiveram:

*Eduardo Siva Dias* (fal. 25.1.1939), trabalhou como guarda-livros da Casa Miguel Sousa Guedes & Irmão (Porto) tendo sido director da Associação Comercial Portuense. Carmelita da Ordem Terceira, fundou uma publicaçãozinha que hoje se não encontra - o *Boletim Mensal de Santa Teresinha*, com endereço na Rua do Rosário, 135, no Porto<sup>22</sup>. Jaz no cemitério de Agromonte.

*Padre Augusto José Marques Soares*, nasceu em Alhandra (8.2.1884). Estudou na Casa Pia e no Seminário de Santarém, onde concluiu Teologia com distinção, louvor, e vários prémios (1905). Ordenado presbítero (1906) seguiu a carreira paroquial, trabalhando sucessivamente em Valado de Frades, Igreja Nova, Odivelas e Póvoa de Santo Adrião, (1909-1912) em que se viu espoliado do cartório paroquial, o que o levou a processar o Governo, tendo ganho a causa, e obtido a devolução do cartório. Logo que surgiu o jornal *Novidades* (1923) empreendeu a publicação de artigos difusores da fama de Teresinha. Paroquiou também na Caparica e, em 1930, foi nomeado pároco da Igreja das Mercês (Lisboa), onde desenvolveria o que se considera ser uma época dourada de apóstolo e de promotor das devoções teresianas. Co-fundador da União Apostólica do Clero, e secretário do respectivo Conselho Director, distinguiu-se como escritor de redacção fácil e comunicativa, sem prejuízo da qualidade doutrinal. Publicou o *Manual ilustrado do sacrifício da Missa* (1918) e *O mistério da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia* (1928), obra que influenciou almas. O médico Henrique Weiss de Oliveira, figura notável da acção católica declarou ter-se convertido tempos depois da leitura do livro, e após longa e madura reflexão, facto que declarou ao público muitos anos passados sobre o acontecimento<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 10, n.º 111, 1939, p. 3. (Com foto).

<sup>23</sup> Carta do Dr. H. W. de Oliveira, in *Rosas de Santa Teresinha*, ano 31, n.º 370, 1960, p. 9.

A partir de 1961 vive quase sempre adoentado, de modo que foi impedido de se deslocar a Lisieux, como previa, para proceder à entrega ao santuário do «altar lusíada» e de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Agravando-se a doença, que se arrastou por vários anos, faleceu em Lisboa (23.12.1970). Jaz no cemitério do Lumiar<sup>24</sup>.

Vendo-se incapaz de prosseguir com o *Boletim*, Eduardo Dias passou o testemunho ao Padre Marques Soares que decidiu, e com grande sucesso, criar um novo título, *Rosas de Santa Teresinha*, revista mensal que ele dirigiu, mantendo-se Eduardo Dias como editor até à morte, sendo substituído por Agostinho de Jesus e, mais tarde, por Carminda de Sá Pinto, com morada na Rua das Adelas, n.º 20, 2.º andar, em Lisboa. A direcção funcionou na Rua da Ilha Terceira, n.º 38, 2.º andar, na mesma cidade. Eduardo tratava da impressão da revista na Tipografia Fonseca (Porto), enquanto não passou a ser impressa na União Gráfica (Lisboa). O primeiro número saiu em Janeiro de 1930 e Marques Soares é director até 1970. A revista, distribuída por diversas secções, abrange estudos apoloéticos, litúrgicos, teológicos; testemunhos pessoais sobre milagres de Teresinha; noticiário de todas as partes do país sobre iniciativas relativas à santa; uma secção intitulada «Rosas da nossa Terra» com cartas mais longas sobre graças recebidas; outra secção chamada «Rosinhas de Portugal», com mensagens breves; e páginas de expediente: assinaturas, ofertas, respostas a cartas, etc., importando mencionar a atenção prestada à propaganda de Fátima. Em cada edição, várias fotos de Teresinha, e sempre uma página inteira ilustrada com nova imagem da santa, de escultores portugueses. No aspecto iconográfico, a revista é um repositório documental incomparável, a preto e branco. A capa é uma obra de arte: desenhada por J. G. Santos Silva, consiste numa moldura estilo manuelino, rendilhada, a castanho; e, dentro dela, a cinzento esverdeado, Santa Teresinha, sobre o mosteiro dos Jerónimos, esparzindo flores. Logo após a morte de Maria da Conceição Gil Froes, passa a inserir os artigos de sua mãe e de outras pessoas, e também o «Correio da Sãozinha» que trouxe à revista nova onda de assinantes. Há colaboradores que assinam - António Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Joaquim dos Santos Abranches, Cónego Pontes... - mas um dos principais colaboradores raro assinou: o Padre Moreira das Neves.

<sup>24</sup> *Novidades*, ano 84, n.º 25053 (24.12.1970) p. 2; *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 41, n.ºs 492/93, 1970, pp. 1-2. (Com fotos).

*Padre Oliveiros de Jesus Reis* (Portimão, 23.6.1921 - Lisboa, 23.5.1990). Ordenado presbítero (1945) trabalhou como director espiritual dos Seminários, pároco (Almeirim e N.ª S.ª da Encarnação de Lisboa, onde deixou grata memória) e como animador espiritual de comunidades, grupos e movimentos. Esgotou os seus dias no labor missionário de terra em terra. Na impossibilidade física do Padre Marques Soares, e estando bem dentro dos esquemas, assumiu a direcção da revista, enquanto o Padre António Lopes da Cruz aceitou o encargo da administração.

O *Padre António Lopes da Cruz* provinha da diocese do Algarve, tendo professado na Companhia de Jesus, e trabalhado nas missões em Macau e em Timor. Abandonando a Companhia, ingressou no clero secular da diocese natal, tendo paroquiado a freguesia de Ferragudo, depois do que se fixou em Lisboa, dando colaboração a várias paróquias. Faleceu em 5 de Dezembro de 1993. Com o Padre Oliveiros continuou a publicar a revista *Rosas* desde o n.º 492 (1970), mas os projectos de ambos não seriam coincidentes. A revista *Rosas* tinha uma aura: a mística pré-conciliar, a aliança Fé e Pátria, o catolicismo popular e, depois, o inciso da Sãozinha, tema caro ao Padre Oliveiros. Ignoramos o que se passou fóra do palco. Claro é que, ao n.º 500, em 1971, e falecido o Padre Soares, a revista deixa de se chamar *Rosas* e passa a intitular-se *Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*. Oliveiros desaparece. O «Correio da Sãozinha» é suspenso e, os leitores, avisados de que deverão canalizar esse correio directamente para a Obra da Sãozinha em Alenquer. A *Mensagem* mantém (a nosso ver mal!) a numeração da *Rosas*, mas há uma efectiva mudança de mentalidade: mais doutrina, menos populismo, conciliarismo, abertura a novos temas não necessariamente teresianos, mas a mudança afectou uma franja dos assinantes. A administração (sita na Rua Miguel Lupi, 44, r/c esq., - residência do novo proprietário e director) confrontava-se cada vez mais com dificuldades e, por fim, ao n.º 625 (Outubro/Dezembro, 1993), a revista é suspensa. Consta que o Padre António Cruz a doou à diocese do Algarve<sup>25</sup>. A mudança do título envolve mudança de atitude e reflecte uma crise imparável.

Registe-se ainda o *Almanaque de Santa Teresinha* (também dito *Almanaque da Juventude*), publicado pela diocese do Porto a partir de

<sup>25</sup> Agradecemos ao grande católico e grande intelectual que é o dr. Francisco José Veloso, um distintíssimo colaborador da *Mensagem*, as informações prestadas acerca do P. Cruz e do fim da revista.

1923, e orientado pelos Padres José de Oliveira Costa Júnior e Domingos Maia, cuja capa era por via de regra ilustrada com imagens da santa de Lisieux. O interesse temático não corresponde ao título. Outro contributo provém, e com carácter selectivo, da revista carmelita observante *O Santo Escapulário do Carmo* (1948-1966) que, durante anos, em cada número, versou o santo de cada mês.

## 5. Nomes, Imagens e Capelas

As formas de simpatia popular são variadas. Começam nos nomes de baptismo. Antes de haver Teresinha já havia Teresas a quem os familiares tratavam por Teresinha, no diminutivo, tal como sucedeu à Teresa de Lisieux, que seu pai e irmãos tratavam por «petite Thérèse», Teresinha. O fenómeno posterior a 1923 tem alguma diferença: meninas são desde logo baptizadas *Teresinha*. Ou simples, ou anexo a outro nome: Teresinha Maria, Maria Teresinha, Teresinha dos Anjos; a mais popular Maria de Fátima ocorre sobretudo a partir de 1930 e tornou-se muito frequente. Entre os nomes há um extraordinário: *Teresinha de Fátima*<sup>26</sup>. Uma das irmãs do sacerdote transmontano Virgílio Madureira (fal. Santo António dos Cavaleiros, 1996) nascida em 1931, baptizou-se com este excelente nome: *Teresinha do Menino Jesus Madureira*. Está viva, agora mesmo, Páscoa da Ressurreição de 1997! Tal como sucedeu com Teresa, o nome também aparece grafado *Tereza* e *Terezinha*, embora a forma oficial *Teresinha* abunde. O clássico D. Tomás Caetano do Bem estaria em desacordo, se vivo fosse, porque, se deveras *Tereza* significa tércio céu (*ter+ipsa*) o *z* ajusta-se melhor à grafia do nome.

A toponímia é menos vincada. Na Amadora há a Travessa de Santa Teresinha; em Benfica, a Quinta de Santa Teresinha, e, no Porto, a Rua Florinha da Abrigada (Sãozinha) ignorando a Câmara quando e quem, sem licença, deu o nome à rua, agora oficializado. Em Lisboa há a Azinhaga das Teresinhas, mas esta Teresinhas é

<sup>26</sup> *Diário de Notícias*, 18.5.1980, p. 30. Também se criou o epíteto *teresinho* para designar *menino mimado*, menino de sua mãe. Em Moçambique correu, em 1780, uma moeda designada pelo nome *teresinha*, de que há um exemplar na Colecção de Moedas da Biblioteca Nacional, mas, como é óbvio, nada tem a ver com Santa Teresinha. Cf. *O Archeologo Portuguez*, vol. 19, 1914, p. 275.

corruptela de Teresianas, as freiras carmelitas, para os lados de Marvila, onde possuíam o convento e a quinta. O mesmo se diz do Largo das Teresinhas, em Braga. Em contrapartida, em todo o país há casas de residência, e principalmente vivendas, que se denominam de Santa Teresinha. As vivendas sempre exibem, na frontaria, um registo da santa, em azulejo, com as mais variadas representações iconográficas, principalmente no chamado Ribatejo-Oeste (Vivenda Santa Teresinha, por ex., na Portela das Padeiras, Santarém) e na zona de Lisboa, a litoral. Também há instituições que se apelidam segundo Teresinha, por exemplo: Colégio de Santa Teresinha, no Funchal e em Portimão; a Escola de Santa Teresinha e o Lar de Santa Teresinha, em Lisboa, pertença este da Santa Casa da Misericórdia, o Roseiral de Santa Teresinha (Loures). E uma nova localidade surgiu em 1967 na diocese de Malange (Angola): Santa Teresinha do Menino Jesus de Caculama. Pouco, se tivermos em mente a multiplicidade de povoados que, no Brasil, se chamam de Teresinha! E, de paróquias, apenas identificámos duas, que a têm por padroeira, ou orago: Brandoa, na vigararia de Amadora e Alto do Pina (Lisboa). Em contrapartida, houve e há dezenas e dezenas de modelos de pagelas e de «santinhos». Com novena, ou sem novena; a preto e branco, ou a cores; e a imagem de Teresa em múltiplas poses. Ou fotografias da vida real (foi a santa mais fotografada) ou reproduções de imagens escultóricas. Quase sempre com trechos extraídos dos seus escritos, os mais variados; ou alguma pequena oração indulgenciada. Desde os «santinhos» mais pequenos até aos de formato postal, e calendário de bolso; e, depois de 1927, com a legenda «Padroeira das missões». Medalhas, variadas, quase sempre ovais, com a sua efígie de um lado e alguma legenda do outro, nas mais variadas línguas. Numa casa de artigos religiosos do Porto há medalhas com epígrafe inglesa: «Pray for us». Nas feiras de há quarenta anos também se vendiam molduras ovais de açúcar rosado, com uma imagem de Teresinha colocada na guloseima. Comia-se o açúcar e guardava-se a imagem, E, nas casas de família, muito corrente, ou pequena imagem, ou moldura. Em casa do escritor Francisco Costa (Sintra) havia moldura no quarto do casal; e, no quarto da filha mais velha, que morreu jovem e muito estudara a cronologia da vida de Jesus, um oratório com muitos santinhos, e o retrato da Sãozinha. O poeta Corrêa de Oliveira tinha, no quarto de trabalho, na sua casa de Belinho (Esposende), um retrato de Teresinha autografado por Madre Inês de Jesus. Também Salazar, histórico assinante da revista *Rosas*, e cultor da

santinha desde os tempos de Coimbra, mantinha uma imagem no seu oratório particular. E fez concorrência a Sousa Martins. «Água de Sousa Martins» se chamava ao álcool canforado; a essa água, com pétalas de flores, os peregrinos de Fátima chamaram «água de Santa Teresinha». Serve para massagens, para alívio de dores musculares, ou ínguas. O mais complexo dos enigmas é esse do milagre das rosas. Antes de haver Teresinha, aquela variedade de rosas de Alexandria, de cor rosa, e mais pequenas que as rosas propriamente ditas, chamavam-se *rosas de Alexandria*, ou *rosinhas*. Perderam o nome, ou mudaram de nome: desde bem 1920 que vulgarmente se chamam «rosas de Santa Teresinha», o que até os botânicos sabem, por assim o povo - e foi o povo que baptizou - o ter determinado. São rosinhas cor de rosa, agradavelmente perfumadas e o sentir o cheiro na ausência delas significa a proximidade da custódia de Santa Teresinha aos males e às aflições das alminhas. A embebedeira na ternura já atribuída também a Jacinta de Fátima. Na época, a mística popular absorvia o renovado milagre das rosas da Rainha Santa Isabel.

Nas publicações da propaganda, as pequenas graças constavam da secção «Rosinhas de Portugal» e as graças maiores, da secção «Rosas da nossa Terra»; e de todos os países provinham mensagens que iam a outra secção: «Rosas de todo o mundo». Também se constava que, junto das imagens, tanto nas igrejas, como nas casas, se sentia um suave perfume. Em 1930, Maria Leticia Pastorini de Basto y Lugo (fal. Lisboa, Areeiro, 10.9.1970), achando-se com outras pessoas na Rua Actor Taborda, n.º 33, 2.º andar, em Lisboa, a rezar a novena junto de uma criança doente, no último dia da novena sentiu, e com ela as companhias, um extraordinário cheiro a rosas... A pomba branca também se interpretava como sinal: estando uma senhora muito aborrida por grave questão familiar, e recorrendo a Teresinha, viu uma pomba branca, que mansamente pousou junto da orante. E o problema ficou em águas de bacalhau... Relíquias foram muito estimadas. Havendo poucas, os peregrinos de Lisieux procuravam compensar-se trazendo saquinhos com terra do jardim do Carmelo. Temos exemplo disso na mãe da Sãozinha<sup>27</sup>. Outros peregrinos adquiriam pagelas, postais, medalhas e toda a espécie de objectos sacramentais, incluindo escapulários de Nossa Senhora do Carmo, e livros. Quanto a relíquias propri-

<sup>27</sup> Cf., adiante.

amente ditas, o Padre Marques Soares viu-se contemplado com algumas, na peregrinação que efectuou a Lisieux em Agosto de 1924. Regressado, encomendou ao joalheiro Luís Cardoso (Lisboa), um relicário de prata rebatida, em estilo manuelino, relicário esse muito reproduzido nos jornais católicos do tempo, porque, nas suas missões teresianas, o proprietário costumava levá-lo e expô-lo à veneração dos fiéis. Guarda-se no altar de Santa Teresinha na Paroquial das Mercês e conserva, da santa, cabelos e uma partícula do maxilar. A primeira exposição ocorreu em Lisieux, em 25 de Agosto de 1926, sendo pela primeira vez mostrado em Portugal numa festa que teve lugar em 30 de Setembro do mesmo ano, no templo de S. Vicente de Fóra, com a participação de mais de dois mil fiéis, incluindo pobres indigentes, que receberam esmolos. O relicário pertence ao património da Paroquial das Mercês, mas consta que o Padre Soares possuía outro em sua casa. D. Manuel Gonçalves Cerejeira recebeu algumas relíquias e lembranças; e, por fim, sendo eleito bispo da nova diocese de Vila Real em 1923, D. João Evangelista de Lima Vidal recebeu do Papa uma relíquia da Florinha de Lisieux.

Construir capelas exige finanças, por isso foram poucas as capelinhas. A primeiríssima capela foi construída no Funchal pela Família Brito Cunha em cumprimento de promessa por ter sido salva de um grave acidente. A segunda erigiu-se na Quinta de Santa Teresinha, ao Calhariz de Benfica, por iniciativa do seu proprietário, José Pais (fal. 25.10.1944). A capela apresenta um aparelho de talha, estilo renascença e foi inaugurada em 24 de Novembro de 1935. Por curiosidade, registe-se que a administração da revista *Rosas* funcionava no escritório daquele senhor, em Lisboa.

Uma outra capela foi a do Carmelo Descalço de Viana do Castelo, aberta em 2 de Fevereiro de 1936, festa das Candeias; uma outra foi a capela dos Santos Doze Apóstolos, sita na Rua Barão de Sabrosa, e propriedade de José Rosado Fernandes, pai do classicista Raul Miguel Rosado Fernandes. Dela foi reitor o primeiro presbítero ordenado na Ordem observante de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Carmo, o P. Nuno Gomes de Castro. Encerrada a capela, cujo edificio ainda ali se acha, a imagem de Santa Teresinha transitou para a igreja do Alto do Pina, que tem a mesma invocação da capelinha, igreja dos Santos Doze Apóstolos. Obra singular é o Calvário da freguesia de Canhas (Ponta do Sol, Ilha da Madeira). Três arcos, o do centro mais elevado e, sob ele, Jesus na Cruz, tendo a seus pés Santa Teresinha ajoelhada. Levou doze anos a levantar, e foi obra de uma

senhora que meteu mãos à obra de conta e risco, em 1949. Eis o seu nome: Matilde Cabral Noronha. Seguiram-se outras em conventos carmelitas.

Ao menor número de capelas votivas opõe-se o extraordinário número de imagens. Algumas foram trazidas de França, mas a produção dos artistas portugueses constituiria uma notável exposição, se possível fosse reunir todas as criações, dispersas por igrejas, capelas e oratórios particulares. A revista *Rosas de Santa Teresinha* teve o cuidado de, número a número, reproduzir as mais significativas criações dos imaginários portugueses. Em 1936, 32 das igrejas de Lisboa já tinham entronizado a imagem em altares, quase sempre do lado da Epístola, como, logo em 1924, sucedeu nos Jerónimos. Imagens com maior afluência de devotos foram as da igreja de S. José, de S. Domingos, dos Mártires, por serem igrejas da Baixa lisboeta. Uma das primeiras igrejas da província a entronizar a imagem foi a de Santa Clara, em Bragança (Maio de 1930), mas há imagens por toda a província incluindo nas paróquias rurais de todo o país. Imagem jacente da Florinha de Lisieux venera-se na Capela dos Ossos em Évora e, na freguesia de Caneças, a imagem sai à rua logo na segunda feira de Páscoa, inaugurando o chamado «ciclo da alegria», de carácter mariano, que se prolongará, na piedade popular, até quase ao fim do tempo comum do verão. Na vila do Sabugal foi recebida na mesma época, e ainda hoje tem festa solene no 2.º domingo de Maio, sendo nessa festa que se celebra a primeira comunhão das crianças. A mais corrente imagem - a santa vestida de carmelita, com o crucifixo e as rosas - foi exposta ao culto em uma mísula do lado da Epístola, na antiga Capela das Confissões do Santuário de Fátima. Essa capela foi concluída em 1928 e demolida em 1946<sup>28</sup>.

A imagem do oratório particular do Padre Marques Soares tem a santa de pé sobre uma alegoria da Torre de Belém, exibindo a cruz e as flores, obra de José Ferreira Thedim, que também foi o autor de uma extraordinária imagem: Teresa, com o hábito carmelita, em andamento sobre uma nuvem, esparzindo a chuva de flores sobre a terra. O escultor Amélio Maia, de Cidadelhe (Castêlo da Maia) e sócio da firma Maia & Irmão foi dos mais criativos escultores, sendo atraentíssimas as imagens de Teresinha em traje de pri-

<sup>28</sup> O jornal *Voz da Fátima*, 19, n.º 227, 13.8.1941, p. 1 contém uma foto dessa capela. Agradecemos as informações prestadas pelo Padre Luciano Cristino.

meira comunhão, e outra, trazendo o Menino Jesus no braço esquerdo, a brincar com as rosas, sendo também interessantes as produções do escultor bracarense Cândido Pinto. Das imagens maiores, próprias para altar em perspectiva de distância, para as igrejas, faziam-se reproduções em formato menor, destinadas à entronização nas casas particulares. A revista *Rosas de Santa Teresinha* disseminou muitas dessas imagens por todo o país, porque mantinha um concurso permanente, todos os anos se sorteando uma imagem entre os assinantes. A consulta da revista permite identificar os assinantes contemplados em cada ano. Para uma igreja em Fradelos, (Famalicão) o pintor Jorge Colaço ilustrou um painel de azulejos mostrando Teresinha em oração pela salvação de Portugal. Tem a data de 17 de Maio de 1931. Uma das mais conhecidas imagens é, porém, a que pertenceu à Pia União da Igreja das Mercês, da autoria de Thedim: no topo, um frizo de quatro anjos segura o escudo de Portugal; enquanto Santo António, com mais anjos aos pés, apresenta o Menino Jesus, sobraçando flores. Santa Teresinha, vestida de carmelita, com auréola, de joelhos, recebe, no escapulário, as flores que o Menino lhe atira. É uma extraordinária combinação da hagiografia de ambos os santos relativamente ao Menino Jesus. De todas, a imagem mais visitada e conhecida veio a ser a gloriosa imagem do altar de Santa Teresinha na Paroquial das Mercês, obra de José Ferreira Thedim, exposta à veneração em 4 de Janeiro de 1931. Naquele sumptuoso templo, com o altar-mór estilo D. João V, do lado do Evangelho, ergue-se o grandioso altar-santuário, sempre de flores luxuriante. Teresinha lança rosas sobre Portugal, e, a seus pés, o célebre relicário estilo manuelino, que foi pertença do Padre Marques Soares<sup>29</sup>.

O Padre Marques Soares, através da revista, lançou campanhas de histórico significado. A primeira consistiu em recolher, com destino ao Museu de Lisieux, a mais variada cópia de objectos: livros portugueses, fotografias de relicários existentes no país, pagelas, reproduções fotográficas ou maquetadas de imagens, etc. - que fez chegar ao destino com assídua regularidade. Quanto Portugal mandou em oferta a Lisieux! Marques Soares fez questão de o nosso país ter uma forte representação no museu da Basílica, adentro da Exposição bibliográfica e iconográfica do culto teresiano. Todos os dias, pessoas e instituições, faziam chegar à Igreja das

---

<sup>29</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 20, n.º 229, p. 3.

Mercês encomendas com objectos: livros de autores portugueses sobre Teresinha; fotografias de imagens esculpidas por santeiros do Norte; pequenas reproduções de imagens em formato maior; fotografias de relicários; exemplares de pagelas, pautas musicais e hinos; folhinhas com orações, e todo um mundo de objectos piedosos. E tudo seguia para Lisieux em cujo museu a representação documental portuguesa do decénio 1930-1940 é deveras significativa e variada.

A segunda constituiu-se no projecto de erguer, na basílica de Lisieux, um altar de Portugal. O sonho começou logo em 1926, tendo-se aberto uma subscrição nacional para que esse altar viesse a tornar-se realidade e fosse a homenagem do Portugal Missionário (ainda Teresinha não fora proclamada padroeira das Missões). A subscrição continuou já depois de 1930, através da propaganda levada a efeito pela revista. Os contributos eram significados em *rosas* e em *pétalas*: um conto - *rosas ouro*, cem escudos - *rosinhas de ouro*; cinquenta escudos - *rosas de prata*; vinte escudos; *rosinhas de prata*; e menos de vinte escudos - *pétalas*. A campanha continuou durante vários anos, e conseguiu-se o propósito. O altar foi consagrado na basílica de Lisieux, em 2 de Julho de 1961, ficando situado do lado da Epístola. Nele sobressai a imagem de Nossa Senhora de Fátima. O processo do altar não se apresentou pacífico. O que o Padre Soares congeminou em colaboração com José Ferreira Thedim foi o de uma capela com um santuário antoniano-teresiano. A imagem foi esculpida, sendo essa cujo modelo veio a pertencer à Pia União da Freguesia das Mercês, António e Teresinha sob o escudo de Portugal. Na época, o culto de Nossa Senhora de Fátima ainda não vencera as fronteiras, enquanto Santo António era universal. Passaram os anos e a situação mudou, com Fátima devinda «altar do mundo». Sucede que há uma coincidência de datas entre Fátima e Teresinha. A história foi contada pela irmã mais velha de Teresinha, Madre Inês de Jesus, numa carta para o arcebispo de Évora: «O dia 13 de Maio, 26.º aniversário da aparição da Santíssima Virgem em Fátima, era também o 60.º aniversário do sorriso da Santíssima Virgem à nossa querida santinha e da sua cura milagrosa, na idade de dez anos. O 13 de Maio é pois uma data privilegiada para Portugal e para a França»<sup>30</sup>. E assim se completou

<sup>30</sup> *A Defesa*, n.º 1062, Évora, 17.7.1943, p. 1. (A 'Virgem do Sorriso', uma bonita imagem, foi oferecida pela Sr.ª Felicité Baudoin, ao pai de Teresinha, ainda

o altar lusíada, com um retábulo de Cordonnier (arquitecto da basílica), o aparelho de mármore lavrado pela Maison Cappelier, e a imagem de Nossa Senhora de Fátima, do escultor parisiense Monsieur Coin. Nesse mesmo dia 2 de Julho inaugurou-se em Lisieux o Congresso Nacional Marial de França.

A devoção popular atingiu tais níveis de cooperação, que a revista *Rosas de Santa Teresinha* podia manter várias contas correntes: a das assinaturas; a das ofertas monetárias ou donativos para que a revista vivesse mais desafogada; a das ofertas monetárias por graças recebidas, que os beneficiários sempre enviavam notas, pouco ou muito fosse, conforme as posses; o contributo para a construção do altar em Lisieux; além de ofertas eventuais não consignadas.

Em 1935 surgiu outro sonho: erguer um santuário em Lisboa em honra de Santa Teresinha, padroeira do Portugal Missionário. A Igreja das Mercês tornara-se numa espécie de santuário nacional, porque a propaganda a isso se ajustava, mas o movimento, cada vez mais forte, requeria nova dimensão. Falhara, havia uns dez anos, o projecto de alguns bons terceiro-carmelitas - Alberto Diniz da Fonseca, Zuzarte de Mendonça... - de erguer a Basílica a Nossa Senhora da Conceição num terreno expectante situado em Picoas. Surgia agora este do santuário teresiano. O da Imaculada Conceição teve o tácito assentimento de um Patriarca, D. António Mendes Belo; o de Teresinha teve honras de escrito recomendatório de outro Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira: «Do íntimo do coração abençoamos todos os que, com suas esmolas (e orações, os que não puderem dar outra cousa), ajudarem a levantar a Igreja de Santa Teresinha que será um milagre realizado por ela num dos bairros mais pobres de Lisboa»<sup>31</sup>. A subscrição nacional começou desde logo através da revista de Marques Soares. A princípio, alguma timidez, mas logo o estado das contas se levantou segundo o estado das almas donantes. Todas as contas em rosas: cem escudos - *rosinhas de ouro*; cinquenta escudos - *rosas de prata*; vinte escudos, *rosinhas de prata*; menos de vinte escudos - *pétalas de rosas*. Nas pétalas de rosas, e mediante espaços na paginação, a revista destrinchava entre os contributos de dez escudos e os donativos de dois

---

este era solteiro. Quando Teresinha adoeceu, em 1883, a imagem sorriu-lhe. Levada para o Carmelo, foi sua companheira de cela, e ainda hoje preside ao túmulo de Teresinha, no Carmelo de Lisieux).

<sup>31</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 6, n.º 71, 1937, p. 1.

escudos. Como se sabe, nestas, como em outras muitas coisas, quem ajuda são os mais pobres. E, com efeito, enquanto os contributos superiores ocupam entre uma e três linhas, os contribuintes de dois escudos ocupam quarenta linhas e mais, predominando os nomes femininos, entre eles sendo dígitos os masculinos, oriundos de todo o país. A subscrição arrastou-se anos e anos. Quando a revista mudou de nome para *Mensagem*, outras coisas se mudaram, excepto essa da renovação na continuidade: a subscrição para a projectada igreja manteve-se, enquanto se abriu uma nova conta-corrente de ofertas, o «Correio de Santa Teresa». Importa sublinhar dois aspectos concomitantes: os que, já de outra geração, mandavam ofertas para Teresinha, não se ajustaram bem à mudança do nome e, por isso, diminuíram nos contributos; os novos presumíveis subscritores não estavam inteiramente a par das devoções teresianas. E, por isso, o progressivo emagrecimento das remessas. Marques Soares morreu, Lopes da Cruz quis continuar, mas a nau nunca chegou a porto seguro. A igreja de Teresinha, num bairro pobre de Lisboa nunca se construiu, embora a Paróquia de Santa Teresinha tenha sido criada em 1961, sendo aí que o santuário deveria (?) erigir-se, ao Alto do Pina. Em 1989 foi sagrada a igreja de Santa Teresinha da Brandoa, mas ignoramos se há relação com este antigo projecto.

Rebentou a guerra civil espanhola, corria o ano de 1937. Marques Soares e, com ele muitos portugueses, temeram o futuro. Mandou imprimir milhares de pagelas, com o retrato de Teresinha e a legenda «Irmãzinha das Trincheiras», e fê-las distribuir entre as tropas nacionalistas leais a Franco. A companheira de guerra ia de Portugal. Empenhou-se ainda Marques Soares para que o Generalíssimo recebesse uma grata consolação - uma relíquia. E obteve da Madre Inês de Jesus do Carmelo de Lisieux, uma artística cápsula de prata lavrada, de forma oval, de suspender ao pescoço, onde se burilaram, em relevo, numa das faces, a imagem da santinha e, na outra, o escudo do Carmelo. No interior da cápsula acha-se guardada uma relíquia. Deveras cedo, mesmo cedo, era o dia 22 de Julho de 1937, o pároco das Mercês meteu-se no aeródromo de Sintra, no trimotor «Luftansa» e aterrou em Salamanca daí a algumas horas, antes do meio dia. Aí procedeu à entrega da lembrança (em nome do Carmelo de Lisieux), ao tenente-coronel D. Francisco Franco, primo co-irmão do Generalíssimo (que teve o mesmo nome) que havia partido em serviço para Madrid, onde prepararia o célebre combate de Brunete, que venceu. Poucos dias após o primo do Generalíssimo, e por incumbência deste, escrevia ao Padre

Soares, com data de 29 de Julho de 1937:

Sr. P.<sup>o</sup> Augusto José Marques Soares.

Meu distinto amigo.

Sua Excelência, o Generalíssimo Franco, encarregou-me de lhe manifestar a sua gratidão pela atenção de trazer-lhe a Relíquia de Santa Teresinha que Sua Excelência recebeu com sumo agrado. Outrossim lhe agradece os escapulários e estampas que V. Rev.<sup>cia</sup> me entregou.

Receba as saudações do generalíssimo Franco e V. Rev.<sup>cia</sup> disponha do seu affectuoso e seguro servidor

Que lhe aperta a mão

(a) Franciso Franco,

Tenente-Coronel, Ajudante-Secretário  
de Sua Excelência

o Chefe do Estado e Generalíssimo dos Exércitos Nacionais.<sup>32</sup>

Refúgio dos soldados em campanha, deveio também refúgio de quantos temeram pela II Grande Guerra, que rebentou em 1939. E passou-se a rezar:

«Ó Santa Teresa do Menino Jesus que, num rasgo de intuição profética, não tiveste receio de afirmar: *«Depois da minha morte, todo o mundo me há-de amar»*, e que, efectivamente, vieste a ser o objecto da confiança universal, alcança-nos a graça de um convívio fraternal entre todos os povos.

Serve-te da tua maravilhosa influência sobre os corações para reunir todos os filhos da grande família humana, no amor do mesmo *Pai que está nos Céus*.

Ensina, tanto às nações, como aos indivíduos, a grande lei da caridade evangélica que tão bem compreendeste e praticaste neste mundo e que tão admiravelmente praticas ainda do alto do Céu!

Praza a Deus que, firmando-se assim, entre os povos, um entendimento duradoiro, possa, segundo o voto do Vigário de Jesus Cristo, estabelecer-se, bem depressa, na terra, uma *paz, fruto da caridade e da justiça*. Assim seja.»

<sup>32</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 8, 1937, p. 2.

## 6. O arcebispo de Évora e o «Cardeal de Santa Teresinha»

D. Manuel Mendes da Conceição Santos, arcebispo de Évora (fal. 1955) deixou notícia, através dos escritos pastorais, das suas devoções. Sabemos as que teve ainda cónego na Guarda, as que descobriu enquanto bispo de Portalegre e as que aditou enquanto arcebispo, todas sem prejuízo do que era o centro da sua coroa devocional, o Sagrado Coração de Jesus. A sua agenda pessoal, guardada pelas Servas da Santa Igreja, apresenta algumas anotações de interesse: 15 de Agosto de 1928, inscreve-se na União Sacerdotal dos Irmãos Espirituais de Santa Teresinha do Menino Jesus; 15 de Julho de 1929, celebra missa junto do túmulo da santa e experimenta grandes consolações; no verão de 1933 visita de novo Lisieux, tendo ficado uma fotografia dele junto da estátua da carmelita; e, já na plenitude do arcebispado, em 27 de Julho de 1937, recorre à «irmã do Céu» para que proteja o seu episcopado e seja «estrela do seu apostolado». Ao instalar o novo Seminário menor eborense, no antigo Convento das Chagas (Vila Viçosa) cedido por D. Manuel II, ali mandou erguer um altar votivo a Santa Teresinha, Padroeira das missões. Além das visitas a Lisieux, manteve frequente correspondência com a Madre Inês de Jesus. No arquivo das Servas da Santa Igreja (Évora) obra por ele fundada, conservam-se fotocópias e originais dessa correspondência, que bem merece ser estudada. Segundo o testemunho das próprias Servas, ele procurou inculcar nelas o caminho da infância espiritual, apresentando-lhes Teresinha como modelo a seguir, na simplicidade e no escondimento<sup>33</sup>.

O padre Manuel Gonçalves Cerejeira, ao ser sagrado bispo em 1928, dirigiu-se por carta à Madre Inês de Jesus, priora de Lisieux, implorando as orações da comunidade. Foi bem acolhido. Sendo arcebispo titular de Mitilene e auxiliar do Patriarca D. António Mendes Belo, foi ele mesmo eleito Patriarca de Lisboa em 18 de Novembro de 1929 e criado Cardeal em Consistório secreto de 6 de Dezembro do mesmo ano. Em 25 de Dezembro escreveu ele a seguinte carta à Madre Inês de Jesus:

<sup>33</sup> Servas da Santa Igreja, *Semente na Planície. 50 anos ao serviço da Igreja*. Évora, 1996, pp. 97-98. Agradecemos as informações prestadas pela Irmã Maria Helena Cordovil que nos ofereceu uma colecção, em fotocópia, de toda a correspondência, na qual estamos de momento a trabalhar.

«*Magnificat ánima mea Dóminum!* Cheio de confusão e júbilo venho dar-lhe esta notícia: acabo de ser nomeado Patriarca de Lisboa.

Tinha-lhe eu rogado que rezasse à *nossa* Santa Teresinha pela eleição de um Patriarca segundo o Coração de Jesus e fui eu, pobre pecador, quem ela escolheu!

«Sinto-me confundido, porque não sou digno. Devia de ser um santo, um grande santo, e, desgraçadamente, não o sou. Oh! peça a sua Irmã que me obtenha a graça de o vir a ser e de ser inteiramente dedicado ao Reinado do Sagrado Coração, seja por que preço fôr.

«Não lhe peço saúde, nem riqueza, nem glória, nem ventura segundo o mundo; somente lhe peço para estar morto para tudo que não seja Jesus Cristo ou o seu Reinado. Oxalá possa dizer com toda a verdade: *Mihi vivere Christus est*. E que o único género de glória a que eu aspire seja padecer e ser desprezado por amor de Jesus Cristo.

«Sinto-me também cheio de alegria; canto o *Magnificat*, canto as misericórdias do Senhor que olhou para a minha miséria.

Creio que seria uma ingratidão, não receber da mão de Deus com piedoso júbilo, as suas graças de predilecção e a honra de me saber o seu eleito. Seja, pois, bendito, amado e glorificado, *ab ómnibus, in ómnibus, super ómnia in æternum*.

«Como no dia da minha sagração episcopal, em 1928, recorro à minha Rev.<sup>a</sup> Madre, implorando-lhe a ajuda das suas orações e das de suas Filhas, junto de sua Santa Irmãzinha. Seja ela a *Padroeira* do meu episcopado; não desejo senão uma cousa: ser verdadeiramente o apóstolo do Sagrado Coração de Jesus, consumir-me generosamente em seu serviço, padecer para que Ele viva e reine, e depois, morrer de amor...

«Se for brevemente a Roma, para receber o barrete de cardeal, como diz a voz da imprensa, hei-de fazer todo o possível, para ir, no meu regresso, ajoelhar-me aos pés da nossa Santa Teresinha».

† Manuel, Patriarca de Lisboa.»<sup>34</sup>

Peregrinou por Itália e França, devendo tomar posse da cátedra episcopal em 22 de Janeiro de 1930. Tomá-la-ia, mas através de procuração passada ao vigário geral do Patriarcado, cônego Manuel Anaquim. Reservara tempo para visitar Paray-le-Monial e Lisieux. Visitou o Carmelo de Lisieux em 12 de Janeiro, onde a Irmã

<sup>34</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 1, n.º 3, 1930, pp. 1-2.

Celina o recebeu com muito afecto, e lhe ofereceu três preciosos objectos: uma relíquia de sua irmã, uma estatueta da mesma, em mármore, e uma caixa contendo manuscritos autobiográficos de Santa Teresinha, anotados por ela própria, Celina<sup>35</sup>. Fisicamente ausente, escreveu uma carta ao cônego Anaquim, datada do dia 22 de Janeiro em Paray-le-Monial, carta essa em que anuncia não saber o dia certo do regresso e se desculpa por algum silêncio para com a Igreja lisbonense, nas semanas seguintes à sua eleição. E diz: «Não tenho andado ocioso, nem o meu silêncio é esquecimento. Deixem-me rezar e invocar, junto dos túmulos de Santa Teresinha e de Santa Margarida Maria, a protecção divina, para que eu possa ser útil a todos, servindo Deus e a Pátria»<sup>36</sup>. E, de facto, houve da parte do Cardeal um prolongado retiro e uma adesão muito clara à protecção de Santa Teresinha. No decurso do seu episcopado há muitas referências à devoção e à inspiração da jovem santa carmelita, e o culto que o Patriarcado lhe prestou e lhe promoveu contou necessariamente com o apoio do Patriarca. Referimos apenas dois ou três pontos da sua devoção teresiana, devoção essa aliás patente nas armas de bispo e de patriarca. Na sua primeira saudação ao Clero e aos Fiéis do Patriarcado, no dia 2 de Fevereiro de 1930 - festa da Apresentação do Menino Jesus no Templo - o Patriarca explicou os seus pontos de partida, o seu entendimento da missão episcopal e, a propósito desta missão, interpretou o escudo da sua dignidade:

«O meu escudo resume toda a minha doutrina - e exprime todo o meu programa.

Escudo tripartido - em três campos - para recordar as três Pessoas da Santíssima Trindade.

No primeiro campo, o superior, de *azul*, - um triângulo doirado, com o tetragrama hebraico do nome inefável de Deus. O triângulo é o símbolo da Santíssima Trindade, e foi adoptado num pensamento de reparação pelo seu emprego maçónico. Está no alto do escudo, porque é da Santíssima Trindade que tudo deriva quanto existe, e é para Ela que sobe toda a homenagem de todo o ser: nEla principia, vive e acaba todo o bem que existe.

<sup>35</sup> Estas lembranças estiveram patentes na Exposição Bibliográfica, Documental Iconográfica e de Lembranças, efectuada na Biblioteca João Paulo II em Lisboa, entre 4 e 18 de Fevereiro de 1989.

<sup>36</sup> Cardeal Cerejeira, *Obras Pastorais*, I Volume, p. 274.

No segundo campo, de *púrpura*, - uma cruz coroada, com um sol ao centro, sobre o qual se vê o Coração de Jesus; e na terceira quartela um luzeiro ou estrêla de sete pontas, que é o símbolo de Nossa Senhora (*stella matutina*; sete dores, sete gozos).

O centro da cruz, e até do escudo, é ocupado pelo Coração de Jesus. O divino Coração é o centro de toda a criação: dEle nos vem toda a graça, por Ele sobe todo o louvor e acção de graças. É a chave de todos os mistérios, pois só o amor explica a Criação e a Redenção (*Deus charitas est*). Jesus está todo contido nEle, pois Deus é amor, e no amor se consuma toda a lei.

O Coração aparece sobre um sol irradiante, porque é do Coração de Jesus que a vida divina se comunica a todos os corações e a luz de Deus ilumina todas as mentes: é o sol espiritual que ilumina, aquece e vivifica toda a criação (*lux quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*).

Está na raiz, no centro da cruz, porque é pela Cruz que o Senhor nos revelou o amor de Deus por nós (*in finem dilexit nos*). É o amor que explica a cruz, e é a cruz que revela e prova o amor. A cruz torna-nos o Senhor amado, e o Senhor crucificado faz-nos amar a Cruz.

A cruz está coroada, porque foi pela Cruz que o Senhor estabeleceu a Sua realeza (*si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum*). Rei de amor, é mostrando-nos até que ponto nos amou, que o Senhor nos vence e conquista: e é por amor que Ele quer ser obedecido, e servido, e adorado. Nós não encontraremos Jesus senão pela estrada real da cruz: é por ela que nós nos assemelharemos a Jesus, e venceremos o mundo.

A estrêla, símbolo de Nossa Senhora, figura na terceira quartela inferior junto à cruz do escudo, pois é por Maria que Cristo é dado a todos os homens. Maria é a Medianeira de todas as graças junto de Seu Filho. Padroeira da Sé Patriarcal de Lisboa, que Ela tome sob Sua especial protecção a igreja e o pastor, conduzindo-os a Jesus (*per Mariam ad Jesum*).

No terceiro campo, de *prata*, - três rosas de sua côr. As rosas são o símbolo de Santa Teresinha do Menino Jesus, a doutora do amor de abandono e confiança no Coração do Senhor. Ela ilustrou modernamente a palavra do Evangelho: que não entrarão no reino dos Céus os que se não fizerem pequenos como crianças. É Nosso Senhor que nos salva: abandonemo-nos confiadamente a Ele, entregando-lhe tudo, que Ele tomará cuidado de tudo. A santidade está só em seguir com perfeição Jesus, Santa Teresinha contou só com Ele: por isso o Senhor a enriqueceu. É sob a sua particular protecção que quero colocar o meu Pontificado.

Como divisa, enfim, a Palavra do Padre Nosso: *Adveniat regnum tuum!* Ensinou-no-la Nosso Senhor Jesus Cristo. Nela se resume toda a Sua missão entre os homens. É à sua realização que queremos consagrar toda a nossa vida. – Estabelecer nas almas o reino de Cristo, dar Cristo às almas, dar as almas a Cristo – e, por Ele, com Ele e nEle, dá-las a Deus, Trino e Uno, nosso Princípio e nosso Fim.

Em resumo. – Da Santíssima Trindade desceu até nós, por Maria, a salvação, em Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos revelou o Seu amor na cruz, e por ela atrai a Si o mundo. Jesus é o sacerdote eterno, de cujo Pontificado participa a ordem sacerdotal da Igreja, a qual sobre a terra prolonga misticamente, no espaço e no tempo, a presença do Senhor, e por Ele, com Ele e nEle tributa à Trindade Santíssima, pelos séculos dos séculos, toda a honra e glória: *Per Mariam ad Jesum; per Jesum ad Patrem in unitate Spiritus Sancti*. Sob o patrocínio de Santa Teresinha. Para que o reino de Deus venha a nós.<sup>37</sup>

Assim ficaram as rosas de Teresinha no escudo do Cardeal Cerejeira e assim este se colocou sob a sua protecção no propósito de imitação da santidade. E a sua vida episcopal decorreu sob este sagrado signo. Ele chegou a considerar Teresinha, «na sua doce simplicidade, uma miniatura da Virgem Santíssima»<sup>38</sup>, e isto mesmo afirmou em Novembro de 1934 no Centro D. Vidal do Rio de Janeiro, ao explicar que o grande milagre é o serviço divino. Nem Teresinha nem Maria fizeram milagres, salvo este: realizar o ideal de Deus quando nos cria.

Próximo da morte, extinguindo-se como lâmpada junto do sacrário, contemplando o aproximar da hora, ainda escreve: «Possa Santa Teresinha sorrir-me nessa hora»<sup>39</sup>.

Decerto lhe sorriu!

## 7. O Santo Padre Cruz e os Poetas

O Padre Francisco Rodrigues da Cruz (vulgo: santo Padre Cruz) faleceu em 1948, transcorrendo uma vida exemplar de mis-

<sup>37</sup> Cardeal Cerejeira, *ob. cit.*, pp. 23-25.

<sup>38</sup> Cardeal Cerejeira, *ob. cit.*, p. 369.

<sup>39</sup> Cardeal Cerejeira. *Primeiro Centenário. Exposição Bibliográfica. Catálogo Comemorativo*, p. 22.

sionário popular, de confessor exaustivo e de apóstolo oportuno e inoportuno. Foi uma pessoa querida de todos os portugueses, mesmo dos que, por opção ideológica, recusaram a Igreja. Missionário de Portugal pela oração e pelo sacrifício, como Santa Teresinha, pela esmola e pela pregação, como São Francisco Xavier, o nosso saudoso Padre Cruz tomou por lema da sua vida esta máxima do Apóstolo das Índias, que tanto ele recomendava aos sacerdotes da União Apostólica do Clero do Patriarcado: *Deo gloria, proximo salus, mihi labor* (a Deus, glória, ao próximo, salvação e, a mim, trabalho)<sup>40</sup>.

Tornou-se muito devoto de Teresinha e julgamos que ainda no tempo do Padre Santana. Nas suas viagens carregava sempre, sob a capa, o saco preto repleto dos livrinhos de orações que ele mesmo redigia (é o caso das *Orações Indulgenciadas*, que ele reimprimiu vezes a fio) e de pagelas de santos. Para lá meteu o Padre Marques Soares muitas das pagelas com a imagem de Teresinha que em 1923 mandou imprimir aos milhares; e que o Padre Cruz distribuiu em suas missionações. Sendo director da União Apostólica do Clero do Patriarcado, devolvia aos padres os respectivos boletins de serviço, sempre anotados com algum conselho. Num desses boletins, do ano de 1948, escreve:

«No próximo dia 3 de Outubro faz 49 anos que subiu ao céu a alma bendita de Santa Teresinha do Menino Jesus, a quem devemos pedir que nos alcance a graça de nos últimos momentos dizermos com ela: *meu Deus, eu Vos amo!* Façamos-lhe também esta súplica:

«Minha santa Irmã, pedi ao nosso bom Deus para me aproveitar e ajudar a aproveitar da vossa chuva de rosas; que eu também seja um dos vossos beneficiados e vosso cooperador, em fazer o bem na vida, na morte e até depois da minha morte»<sup>41</sup>

Esta oraçõzinha, endereçada inicialmente aos sacerdotes, tornou-se popular, tendo sido beneficiada com 100 dias de indulgência pelo Cardeal Cerejeira, sempre que recitada.

A alma de António Corrêa d'Oliveira nasceu embebida em religiosidade. Muitos anos antes da pública adesão à Igreja, já o filósofo Leonardo Coimbra o tinha entre os mais puros poetas

<sup>40</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 19, n.º 227, 1948, p. 7.

<sup>41</sup> Maria Joana Mendes Leal, *O Santo Padre Cruz*, 1976, p. 250.

líricos da nossa tradição e o apontava como alma eleita do amor religioso. Ele foi sensível à imagem e à mensagem da carmelita de Lisieux, e tão sensível foi que a metaforizou numa obra lírica e dramática, o drama *Teresinha* (1929) que o autor apresentou como um «milagre em cinco actos». O *milagre* substancia a arte e o lirismo do poeta, com suas imensas possibilidades estilísticas - imagens, metáforas, alegorias, símbolos - e sua ímpar capacidade de comunicação com o povo, mediante a elevação artística da linguagem popular e a criação de situações dramáticas fictícias, mas creíveis e verosímeis, não obstante o risco, sempre presente, de uma dramatização apologética. Não sucedera o mesmo à *Lourdes*, do dramaturgo Alfredo Cortez? Em casos análogos, o risco da apologética é inevitável. *Teresinha*, segundo Corrêa d'Oliveira, causava engulhos (escreveu algures Moreira das Neves) aos franceses, por ter sido a primeira dramatização teatral do culto da carmelitazinha. Com efeito, as obras dramáticas, muito mais lidas internacionalmente, de Henri Brochet, Jean Suberville e Gilbert Cesbron, são muito posteriores à do poeta de Belinho<sup>42</sup>.

O drama tem por cenário uma aldeia portuguesa, nos finais do decénio de 1920-1930. As principais figuras: Luís, dramaturgo e poeta, Maria da Graça, sua mulher, um Ervanário, médicos, tangedores, bailadores e povo. A intenção é a de realçar a devoção popular a Teresinha. O ambiente de uma família é perturbado pela doença de um filhinho; os médicos mostram-se inoperantes... os ervanários não acham rosas... mas o menino, um dia, cheio de fé, oferece uma rosa e veio o milagre: o menino curou-se. É o cenário místico da infância e das flores e dos sinais devocionais do povo. Diz o poeta: «Eu entreguei a meus filhos/A Teresinha, e fiz bem,/ Quase iguais... Além a santa,/ ela é criança também». O drama, elaborado segundo as técnicas do auto vicentino, abre com um prólogo do jogral: «De aquém e além, de quando em quando vinha,/ Em palavras amigas e piedosas/ Alguém pedir-ma ou loa, ou hino, ou glosas/ de são louvor a Santa Teresinha. Será, cuidei, (pronta vaidade a minha!/) Sôfrega abelha em cúmulo de rosas. -/ E um ano, dois: e as auras misteriosas/ Nada trouxeram... Que remorso eu tinha! Andava a Primavera pelo mundo./ E em mim rompeu, como luar profundo,/ Luzinha nova, a murmurar: - «Então?\*/ Princípio, Fim: desilusão eterna.../ - Mais fácil escrever um grande poema/ que pequenina e simples oração».

<sup>42</sup> Cf. Pins Inglett, O. Carm., in *Carmelus*, 20, Roma, 1973, pp. 255-256.

A gênese do auto: não conseguiu escrever a oração poética que lhe haviam pedido; e acabou escrevendo o primeiro auto teatral acerca de Santa Teresinha do Menino Jesus, cuja figura se adequa de modo admirável ao estilo do poeta.

O drama segundo o poeta de Belinho não ficou solitário. Em Setembro de 1947, a poetisa Maria do Céu pôs a vida da carmelita, desde a infância à proclamação como padroeira das Missões, numa peça em um acto e oito quadros, para ser representada, como foi, no salão de festas do Seminário de Angra do Heroísmo. O auto foi muito apreciado pelo auditório, em que também se encontrava o poeta José Blanc de Portugal. E, decidida a impressão da obra, seria ele a escrever um prefácio de apresentação. O auto põe na nossa frente os pais de Teresinha, as irmãs, os amigos, a Senhora do Sorriso, o papa Leão XIII, enfim, toda a vida e todo o culto. Intitulado *Rosas para Santa Terezinha* (com z) termina em apoteose católica e patriótica:

«*A tia* E porque muito sofrestes  
 E rezastes pelas missões,  
 E por isso, bem merecestes  
 Ser chamada Padroeira  
 Das Missões da Terra inteira,  
 Grande Santa, continuai  
 Derramando, o já fecundo  
 Miraculoso caudal  
 Das vossas rosas celestes,  
 Nas Missões de todo o Mundo.  
 Mas dum modo especial  
 Nas Missões de Portugal!

*Todos* Nas Missões de todo o Mundo,  
 Nas Missões de Portugal  
 Derramai sempre o caudal  
 Das vossas rosas celestes!»<sup>43</sup>

Uma cortina de rosas desce sobre o palco. O hino de Santa Teresinha, que se ouvira em surdina ao longo do espectáculo, é então cantado por toda a assembleia, enquanto o pano cai lentamente. Palmas e alegria!

<sup>43</sup> Maria do Céu, *ob. cit.*, p. 39.

Oração-poema, quantos terão lido e rezado a oração de *Christóvão*? Quem foi *Christóvão*? Um leigo, um sacerdote? Foi, sem dúvida, pessoa sensível, religiosa, devota e ajustada à psicologia da Florinha, de sua «mão pequenina» esparzindo rosas sobre a terra. Comprou ele, em 1954, alguma quantidade da pagela n.º 60, tendo na frente a imagem de Teresinha a castanho impressa, espalhando flores, e, em legenda: «O Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, souvenez-vous de répandre de là-haut les roses que vous avez promis». - «Ó Santa Teresa do Menino Jesus, lembrai-vos de enviar do alto as rosas que prometestes». E, por trás, no espaço antes em branco, *Christóvão* mandou imprimir a oração-poema, com data de Maio de 1954:

«Ó minha Santa Theresinha  
 Que tanto amôr nos mereces,  
 Escuta, no céu, nossas preces  
 Junto da excelsa Rainha  
 Nossa Mãi, Nossa Senhora,  
 Que ao ouvir, a toda a hora,  
 Nossas queixas dolorosas.  
 As vai transformando em rosas,  
 Que a vossa mão pequenina  
 Pouco a pouco, vai espalhar  
 Uma rosa em cada lar,  
 Como mensagem divina,  
 P'ra nos salvar da maldade  
 da soberba e da vaidade  
 da mentira e da inveja,  
 E assim vivendo com Deus  
 Gozêmos graças dos céus,  
 P'la vida fóra - Assim seja!»

Quantas pagelas? Umas cem?

Poeta em viagem a sós por França, com seu lirismo singular, feito de veia lírica mais portuguesa, aliada com a mística inaciana, eis João Maia, S.I. Emigrante via Barca d'Alva, Chartres e Paris, casa de Charles Péguy e rumo a norte. O poema nasce, descritivo, às vezes assombrado de luz. Antes do termo da viagem o poema biográfico de Teresinha:

«Saí de Paris e, um pouco mais ao norte,  
 era agora uma menina de trancinhas enlaçadas

a qual, rente à noite, chalrando com o pai,  
 divisava na lonjura o Talabarte de Oriente  
 e dizia que o seu nome - Teresinha - estava escrito no céu!<sup>44</sup>  
 Emigrar é renascer. Eu era uma menina  
 sem deixar de ser uma flor. Professei.  
 E aos vinte e quatro anos de idade  
 morri (vejam os senhores!) de tuberculose.  
 O Anjo da Catedral de Chartres que estava para colher uma flor  
 veio num voo desapoderado, tomou-me pela mão  
 e levou-me para além das constelações...  
 Voltei de lá com um braçadinho de rosas  
 e estou agora em todo o mundo, eu que nasci num cantinho»<sup>45</sup>.

O milagre e o mito fundem-se e confundem-se. Aforia e simpatia. A menina conta a sua história e alenta o caminho. Por fim, o poeta chega a Lisieux:

«... Aqui onde quase tudo o que é grande é falso e ofende o céu  
 que, ofendido, cintila mais sereno,  
 a suave obrigação de ser pequeno  
 está onde eu estou.»<sup>46</sup>

Da ironia miticizante à serenidade da seriedade face à criançinha cuja imitação ela nos propõe, como se brincadeira de crianças fosse. E parece que é, dado que a excelência da via mística consiste em cada um se comportar, na frente do Senhor, como sua criança. Os pequeninos.

## 8. A Pia União das Três Rosas

Uma Confraria, ou Pia União de Santa Teresinha foi cedo fundada em Lisieux. O papa Pio XI, por letras apostólicas de 20 de Junho de 1933, elevou à dignidade de Primária a referida Confraria,

<sup>44</sup> Glosa ao trecho do diálogo de Teresinha com seu pai: «Olha, papá, o meu nome está escrito no Céu» (*História de uma alma*, 11.ª edição, p. 55) enquanto apontava para a constelação (Orion) cuja talabarte tem a forma de um T.

<sup>45</sup> João Maia, *Lágrima secreta*, poemas, p. 78.

<sup>46</sup> Id., *Ibidem*, p. 86.

que, desse modo, se converteu numa Arquiconfraria, canonicamente apta a receber a agregação de outras confrarias do mesmo título que pudessem fundar-se em qualquer parte do mundo. No entanto, bastantes anos antes dessa elevação, fundou-se em Portugal a primeira confraria teresiana, uma Pia União de Santa Teresinha, confraria essa que tomou por nome o de Associação das Três Rosas dos Escolhidos/ Liga Eucarística sob a protecção de Santa Teresa do Menino Jesus. Instituída em 7 de Junho de 1924, na igreja paroquial de S. Pedro do Funchal, surgiu no âmbito da já existente (desde 1921) Irmandade do Coração de Maria. Aprovada pelo bispo do Funchal, recebeu a bênção e a recomendação do cardeal Cerejeira (22.10.1925) e do Papa Pio XI, de viva voz ao bispo funchalense, em 17 de Setembro de 1925. A sua recomendação foi confirmada por carta do Secretário de Estado da Santa Sé, em 3 de Março de 1926. A Pia União das Três Rosas difundiu-se por toda a diocese, tendo irmãos em quase todas as localidades.

Esta Pia União propôs-se concorrer para a prática da comunhão frequente, tendo por divisa uma bandeira com as côres das três rosas, ostentando ao centro um emblema dos Corações de Jesus e de Maria, protegendo a tiara. Os confrades eram estimulados à prática da comunhão eucarística nas primeiras sextas feiras, primeiros sábados, e primeiros domingos. O tríduo eucarístico tem uma simbologia: sexta feira equivale à rosa vermelha (símbolo do amor) constituindo um acto de reparação ao Coração de Jesus; sábado equivale à rosa branca (símbolo da pureza) em desagravo do Imaculado Coração de Maria; e domingo equivale à rosa de ouro (símbolo da fé) sendo a comunhão pelas intenções do Santo Padre. Para uso dos confrades, D. António, bispo do Funchal, publicou a seguinte oração:

«Santa Teresa do Menino Jesus, que amaste, com entranhado amor, a Jesus, a Maria e a Igreja, embalsama o mundo com o perfume das Rosas que te confiamos: Rosas de devoção aos Corações de Jesus e de Maria e ao Santo Padre, coração da Igreja. E, no exercício da tua especial missão de assistência ao Clero, vela pelo seu aumento e pela sua santificação. Amen. *(50 dias de indulgências em cada dia que se recitar).*»<sup>47</sup>

Uma Pia União, de nome idêntico, fundou-se em 3 de Junho de 1928 no Seminário de Coimbra, ao tempo de D. Manuel Luís

<sup>47</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 8, n.º 87, 1937, p. 8.

Coelho da Silva. O culto eucarístico tem a mesma estrutura da que vimos no Funchal, com algumas diferenças: a comunhão de sábado seria de desagravo ao Coração de Maria e pelas intenções do Seminário e das Missões; a de domingo, seria oferecida a S. José, pelas intenções do Papa, e do Bispo de Coimbra. Nas primeiras sextas feiras, à hora do terço, fazia-se uma reunião de piedade em honra da padroeira da União. Ninguém pagava quota, mas eram aceites contributos e esmolos. O bispo de Coimbra recomendou a seguinte oração aos confrades e a outras pessoas, concedendo cinquenta dias de indulgência:

«Ó Deus, que abrasastes com o vosso Espírito de Amor a alma da vossa serva Teresinha do Menino Jesus, concedei-me, por sua amável intercessão, a graça de Vos amar com todo o meu coração e de inflamar outras almas nas chamas do vosso santo Amor.

Santa Teresinha, Estrela dos Missionários, Irmã celestial dos Sacerdotes, rogai a Deus pelo aumento das vocações sacerdotais e pela santificação do Clero português. Fazei que este supra com a vida interior e com chamas de uma estuante caridade o seu reduzido número. Por J. Cristo Nosso Senhor.»<sup>48</sup>

Também nos deram notícia da existência de uma Pia União das Três Rosas em Pombeiro (Arganil). A que, por volta de 1930, se criou na Póvoa de Varzim pôs a tónica da sua actividade no apostolado dos doentes, incentivando os confrades e outras pessoas a levar flores, sempre que fossem em visita a um hospital. Terá havido outras, mas a principal foi, por todas as razões, a Pia União de Santa Teresinha da Freguesia de N.ª S.ª das Mercês de Lisboa.

O primeiro objectivo do Padre Marques Soares ao chegar àquela paróquia foi a de reanimar a vida da comunidade, criando um novo motivo de interesse e de apelação dos fiéis. Envolvido como andava na propaganda do culto de Santa Teresinha, fez disso o próprio factor de animação pastoral. Apresentados os Estatutos na Cúria Patriarcal, D. Manuel Gonçalves Cerejeira acedeu a erigir canonicamente a Pia União de Santa *Teresa* do Menino Jesus na igreja paroquial de N.ª S.ª das Mercês. O Patriarca considerou que, afinal, o pároco já tinha admitido na Pia União (Primária) de Lisieux várias criancinhas e discípulos, pelo que seria bom instituir-

<sup>48</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 1, n.º 4, 1930, p. 48.

-se a União na paróquia, e que ela deveria pedir a agregação à Primária de Lisieux. A Provisão, com data de 29 de Dezembro de 1933, foi assinada por Monsenhor Manuel Anaquim, vigário geral do Patriarcado e pelo Padre Honorato Monteiro, secretário da Câmara patriarcal. Logo que erecta, os confrades da Pia União solicitaram a agregação à Primária de Lisieux, o que lhes foi concedido pelo Diploma de 17 de Janeiro de 1934, assinado pelo Director Geral, cónego Germain. Os Estatutos da Pia União de Santa *Teresinha* foram impressos em 1936, constituindo um opúsculo do maior interesse documental<sup>49</sup>. A Pia União decalca os estatutos de Primária de Lisieux:

A primeira secção é a das Crianças Protegidas de Santa Teresinha. Pode ser inscrita qualquer criança baptizada, com menos de doze anos, e cujos pais sejam católicos. Os rapazes chamam-se *pagens* e as raparigas *florinhas*. Finalidade da secção: «colocar a infância e a juventude sob a protecção especial de Santa Teresinha, para preservar a sua pureza do contágio do século»<sup>50</sup>. Florinhas e pagens devem usar a medalha da irmandade, participar nas devoções comunitárias à sua padroeira e aceitar a consagração à mesma. Logo que as crianças comecem a poder falar, devem recitar todos os dias esta jaculatória: «Santa Teresinha, protege-nos, ensina-nos a amar a Deus como tu o amaste». Quando atingem a idade de doze anos, as criancinhas são convidadas a inscrever-se no grau seguinte, a Secção dos Discípulos, ou dos adultos. A finalidade desta consiste em «associar todas as almas que desejem colocar-se sob a protecção especial da Santa carmelita, e se propõem imitar as suas virtudes, trilhando o seu caminho da infância espiritual»<sup>51</sup>.

O coração do programa de vida do discípulo é o de seguir o caminho de infância espiritual: humildade, abandono, amor filial,

---

<sup>49</sup> Breve descrição: na capa, o título do livro e uma alegoria de Teresinha, sentada, a ler um livro que tem no regaço, e, por fundo, uma estilização do Mosteiro dos Jerónimos; a seguir, a famosa imagem de Santo António e de Santa Teresinha sob o escudo de Portugal. Seguem-se os textos: Ereção canónica pelo Patriarca; Diploma da Agregação; Estatutos da Pia União de Lisieux (Pagens e Florinhas); Estatutos da mesma para os Discípulos; lista dos aniversários da santa; várias orações devocionais; Hino de Portugal a Santa Teresinha; Rituais da recepção de Confrades, e de bênção das rosas; Regulamento da Pia União das Mercês; sumário de indulgências e modelo da patente de inscrição.

<sup>50</sup> *Estatutos*, Secção de Crianças, art. 1.º.

<sup>51</sup> *Idem*, Secção de Adultos, art. 1.º.

pureza, simplicidade de intenção, comunhão eucarística frequente, devoção à Virgem Maria, prática da caridade, zelo apostólico. Celebrar os aniversários da padroeira e recitar todos os dias a oração que, às tardes, se costuma rezar na capela do Carmelo de Lisieux, e que é a seguinte:

«Ó meu Pai celestial, que por Santa Teresinha quiseste lembrar ao mundo o Amor Misericordioso que trasborda do vosso coração e a confiança filial que em vós devemos depositar, humildemente vos rendo graças por haverdes cumulado de tamanha glória aquela que foi sempre vossa filha fidelíssima, e por lhe terdes concedido um poder maravilhoso de vos atrair todos os dias uma multidão de almas que vos hão-de louvar eternamente.

Santa Teresinha, lembra-te da tua promessa de fazer o bem sobre a terra, derrama um copioso chuveiro de rosas sobre os que te invocam, e alcança-nos de Deus as graças que esperamos da sua infinita bondade.

Santa Teresa do Menino Jesus, conduze-nos a Deus, nosso pai, fazendo-nos enveredar pelo teu *caminho de confiança e de amor*.

Assim seja.»

Sem prejuízo deste dever, os discípulos também poderiam rezar, sempre que necessário, o Acto de Consagração, que tem o seguinte teor:

«Amável Santa Teresinha, eu me consagro hoje, de alma e coração, ao serviço da tua missão em Portugal.

Eu quero, de hoje em diante, servir-te sempre com a maior fidelidade, invocar-te a cada passo e fazer quanto puder por abraçar no amor do meu Deus a grei do nosso heróico Portugal.

Digna-te alcançar-me da Virgem do Carmo a graça de amar a seu querido filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, com o mais terno e filial amor, a graça de saber dar-lhe gosto e prazer em tudo quanto faça, abraçando, com santa alegria e paz inalterável, as cruzes da minha vida na terra.

Praza a Deus que, vivendo como tu, querida Santa, uma vida toda de simplicidade, candura e pleno abandono nos braços da divina Providência, me seja dada a ventura de encher de tal sorte as tuas mãos virginais com as rosas dos meus pequeninos sacrificios, que todas possas empregar na conquista duma multidão de almas para o serviço do rei de Amor.

Dispensa-me uma protecção verdadeiramente maternal nas refregas da vida, sobretudo no lance extremo da morte.

Assiste-me nesse transe derradeiro acompanhada da tua legião seráfica, de sorte que um dia eu tenha a fortuna de morrer abrasado nas chamas do amor misericordioso de Deus, e, depois no Céu, alcança-me a graça de nunca me apartar da tua amável companhia e de te ajudar na conquista das almas em nossa terra, fazendo-as amar ao nosso Pai que está nos Céus com a mais acendrada ternura filial. Assim seja.»

Todos se obrigam a participar nas festas aniversárias da protectora, a usar a medalha, e a assinar, ou no mínimo ler, a revista *Rosas de Santa Teresinha*.

Para suportar esta disciplina espiritual, a Pia União tem um Estatuto próprio, contemplando normas específicas para a Direcção, para os Confrades e para a Mesa da confraria. Assim, além das devoções próprias da Primária de Lisieux, cada confrade português deveria rezar todos os dias sete vezes o «Glória Patri» com a jaculatória - «Senhor, enviai à vossa Igreja, santos sacerdotes e fervorosos religiosos». E, sem dúvida, contribuir monetariamente para a Obra da Catequese da Paróquia e para a Obra das Vocações do Patriarcado. O elenco de indulgências por cada um destes actos é vário e considerável.

Por fim, as insígnias: a medalha com a imagem da protectora numa face, e na outra, o nome da Pia União, medalha essa suspensa de um colar ou fita de seda tricolor, - branca, (símbolo do amor à pureza), azul (símbolo do amor à Virgem Imaculada) e vermelha (símbolo do amor ao Redentor do Mundo).

Os Estatutos são compendiosos em matéria de festas. Uns bons dez meses, todos com festividades, devoções ou maior solenidade, sempre função dos aniversários de Teresinha (Janeiro: nascimento e tomada de hábito), Março (trasladação das relíquias), Abril (entrada no Carmelo), Maio (aniversário da canonização), Junho (acto de oferecimento ao Amor Misericordioso de Jesus), Agosto (comemoração do Decreto sobre a heroicidade da santa), Setembro (profissão de Teresinha no Carmelo), Outubro (festa litúrgica, então no dia 3, já que pela reforma litúrgica calha agora ao dia 1), Novembro (memória da audiência do papa Leão XIII a Teresinha em 1887) e, por fim, Dezembro, dia 14 (proclamação de Teresinha como Padroeira das Missões).

Os confrades da Pia União estavam bem ocupados. Além destas festas, ainda tinham as reuniões da confraria e as paraliturgias devocionais; todos os quartos domingos de cada mês - missa,

exposição do Santíssimo Sacramento e leitura meditada; e, em Abril, no mesmo quarto domingo, a chamada «hora teresiana». As festas maiores tinham uma sequência própria, que ocupava quase todo o dia: às 9 horas, missa rezada e comunhão dos *discípulos*, *pagens* e *florinhas* (estes, claro, com mais de sete anos); às 10 e 30, missa solene; às 17 horas, admissões na Pia União e imposição de fitas com medalhas; às 17 horas e 30 minutos, bênção das rosas e exposição do relicário. A cerimónia da bênção das rosas é muito breve, mas muito bela, invocando-se os perfumes para a cura dos doentes, por isso que as rosas, uma vez benzidas, eram levadas pelos discípulos aos hospitais.

Com o fito de solenizar a veneração do relicário, Marques Soares compôs o Hino de Portugal a Santa Teresinha, (música de Manuela Câncio Reis), que tem o seguinte teor<sup>52</sup> e que foi cantado pela primeira vez numa «hora teresiana» da Igreja de S. Domingos do Rossio, em 20 de Janeiro de 1928, em que participaram umas quatro mil pessoas:

#### CORO

Ó semeadora angélica de rosas,  
 Converte a nossa Pátria num rosal:  
 Bracejem mil roseiras milagrosas  
 Pelos jardins do velho Portugal.

#### I

A cruz e a espada, ó santa carmelita  
 Alta glória nos deram imortal;  
 Da Raça a crença antiga ressuscita:  
 Impere a Cruz de Cristo em Portugal

#### II

Flor do Carmelo, Padroeira nova  
 Guarda do Céu nosso torrão natal,  
 Com teu aroma nos reanima e prova  
 O muito amor que tens a Portugal.

#### III

Em nossa Terra, ó Teresinha, implanta  
 A flor da renascença nacional;  
 E o nosso povo há-de chamar-te, ó santa,  
 O arcanjo salvador de Portugal.

#### IV

Enflora a Cruz das nossas caravelas,  
 Da lusa gente signa triunfal;  
 Ilumina do Céu as cinco estrelas  
 Das quinas do pendão de Portugal.

#### V

Amável santa, com o teu sorriso  
 De amor e de candura virginal,  
 Ampara, guia, leva ao Paraíso  
 A grei do nosso heróico Portugal.

<sup>52</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 1, n.º 2, 1930, p. 15. Também se acha nos *Estatutos da Pia União de Santa Teresinha das Mercês*. A música está publicada na *Rosas*, Ano 41, n.º 491, 1970, pp. 4-5.

Todavia, entre outras peças musicais, citem-se o cântico «Santa Teresinha, derrama sobre Portugal a tua chuva de estrelas», que consiste na repetição, três vezes seguidas, dessa espécie de jaculatória, com música de Mário de Sousa Santos, podendo imprimir-se mediante autorização episcopal, assinada pelo P. Lopes (Porto) em 24 de Agosto de 1933<sup>53</sup>; e a missa de Santa Teresinha do Menino Jesus, admirável peça litúrgico-musical, composta pelo Maestro Ruy Coelho (fal. 1986) dedicada ao Cardeal Cerejeira, e cuja primeira audição ocorreu no extinto Teatro do Ginásio, outrora situado entre o Chiado e o Largo da Trindade, em Lisboa.

E fazia-se alguma caridade. Importa mencionar que, indo a várias igrejas de Lisboa e da província, mesmo antes de ser pároco das Mercês, o Padre Marques Soares procurou associar a «hora teresiana» de exposição do relicário à protecção dos indigentes. No santuário da Penha (Guimarães) em 30 de Setembro de 1927, distribuíram-se cem esmolas de 2\$50 a outros tantos pobres; a 25 de Março de 1927, na igreja de S. Domingos, Lisboa, contemplaram-se 225 pobres com esmolas de 20\$00 (muito dinheiro, nessa época!), e em 2 de Janeiro de 1928, na mesma igreja, 800 esmolas de 5\$00 a outras tantas crianças das escolas. E fazia-se oratória sacra. Quase todos os pregadores de Lisboa passaram pela igreja das Mercês.

Considere-se que a população da freguesia das Mercês era constituída por gente da burguesia mercantil, da aristocracia (são vários os Condes e as Condessas que aparecem mencionados na revista de Marques Soares), da vida intelectual, e que as zonas circundantes - Camões, Chiado, Príncipe Real, S. Bento, Estrela... - eram zonas de sociedade, maugrado as bolsas de marginalidade e de pobreza do Bairro Alto. E afluíam devotos de toda a Lisboa. E do País, gente que vinha motivada pela leitura da revista e queria venerar o verdadeiro santuário teresiano que na igreja das Mercês se constituíu. Baste registar, em remate, o testemunho de quem viveu esse tempo, o ilustre escritor Luís Forjaz Trigueiros:

«*Santa Teresa do Menino Jesus está* tão ligada à minha infância e juventude que evocá-la, mesmo em breves linhas, é uma espécie de reconfortante mergulho no passado. À medida que o tempo vai

<sup>53</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 4, n.º 46, 1933, p. 116. Contém a pauta musical, construída em estilo *moderato*.

passando (e nós com ele) sabemos melhor que nem sempre são tónicas as recordações, tranquilas as reminiscências que nos transportam à pureza dos grandes ideais - e não só os de natureza religiosa - a uma certa austeridade límpida, tanto na procura das certezas como no encontro com elas! Neste caso a marcha atrás da memória impõe-se-me quando me pedem um depoimento sobre a Santa Teresinha. É que a minha «infância espiritual», seja-me lícito apropriar-me da sua expressão, muito lhe ficou devendo e tanto que logicamente, no limiar do fim, a simples evocação do perfume das rosas se confunde desde logo com a juventude distante, bálsamo e também força.

Paroquiano das Mercês, educado religiosamente, primeiro em casa, sendo meus pais e avós, e meu tio, grandes devotos de Santa Teresinha, desde cedo me familiarizei com ela. Não me lembro de ter sido na preparação para a Primeira Comunhão que essa familiaridade se acentuou - o que até chega a ser estranho, porque foi na Igreja de S. Luís dos Franceses e sob a batuta severa do Padre Monnet, que completei as noções, aliás já muito amplas, do Catecismo caseiro. Onde, seguramente, mais se me arreigou o culto da carmelita de Lisieux foi na Igreja de Jesus, que regularmente frequentei até casar e mudar de bairro - lembro-me do extraordinário apóstolo de Santa Teresinha que era o Padre Marques Soares e do seu boletim que eu infalivelmente ia lendo e onde aprendi sempre qualquer coisa, mesmo quando as inevitáveis solicitações de uma vida profissional, então no jornalismo, e a todos os níveis, por volta dos meus 30 anos me absorveram duramente. Meu pai morreu muito antes, em 1934, levando consigo o desgosto de nunca ter podido ir a Lisieux; então, as viagens eram caras e difíceis e ele adoecera gravemente, e ficara inutilizado, muitos anos. No entanto, havia na família um privilegiado que nos falava das suas visitas ao Carmelo, que suponho, aliás, terem sido arduamente conseguidas - o Prof. Pereira Forjaz lá conseguira vencer todos os obstáculos e estivera assim mais de uma vez no convento, no próprio quadro em que Santa Teresinha professara, em 1888, o mesmo ano em que nascera minha Mãe que era, afinal, só quinze anos mais nova. Foi também essa espécie de contemporaneidade que afeiçoou rapidamente à sua devoção, após a sua morte terrena (aos 24 anos!) tantos e tantos da mesma época e das gerações imediatamente seguidas e que «podiam tê-la conhecido», o que desde logo a distanciava do agiologismo tradicional, muito remoto. No meu caso, por exemplo, nasci dezoito anos depois da sua morte, teria sido praticamente seu contemporâneo. Lembro-me bem, criança embora, de ouvir falar não só da sua beatificação e,

logo dois anos depois, em 1927, (*sic*) da sua rápida, invulgarmente rápida, canonização, já eu andava no Liceu. Meu tio, esse talvez o mais profundo conhecedor, na família, da vida e da obra de Santa Teresinha, costumava dizer-nos: «Foi uma santa que até já podia ter falado ao telefone!» Com isso emoldurava-a no seu tempo, o nosso. Aí pelas décadas de 20 e 30 pensava-se que o mundo estava no auge das descobertas científicas, do progresso e da tecnologia, embora ainda não se usasse muito esta palavra respeitável.

Não sei quando li, emprestada por meu pai ou minha mãe, a «Histoire d'une âme», mas foi certamente criança ainda ou muito jovem, pois não esqueci muitas das suas páginas e é sempre mais difícil guardar na memória o que se viveu ou leu na idade adulta. Tenho-as bem presentes. Sei, porém, que não devo tê-las relido, minha mãe guardou ciosamente o volume até morrer, e agora este pretexto de evocar esse suave companheiro de uma família católica num dado tempo, proporciona-me o refrigério de meditar, certamente já com outros olhos, sobre tantas das lições que se desprendem da «Vita Brevis», a de Santa Teresinha, que, no entanto, estaria destinada à glória perene dos eleitos. E não deixarei, logo que possa, de ir à velha Capela da Ordem Terceira de S. Francisco, a Jesus, onde se venerou e creio se venera ainda uma imagem sua, oferecida, se não estou em erro, pela minha família.»<sup>54</sup>

A segunda mais importante Pia União lisboeta veio a ser a da Paróquia de Santa Isabel, dirigida pelos Padres Carmelitas (Observantes). Com vista à restauração do antigo e glorioso Carmelo Lusitano, a Província hispânica da Bética cedeu o Padre Fr. Eliseu Maia, que arranjou residência na antiga Travessa de Santa Quitéria (agora: Rua de Santa Isabel) na referida paróquia, em 1930. A pequena e surgente comunidade prestava serviço na igreja paroquial e procurou semear o carisma do Carmelo, tendo-se fundado uma Confraria de Nossa Senhora do Carmo, ainda hoje activa, e com altar votivo na igreja. O Padre Maia entendeu oportuno fundar uma Pia União e iniciou o processo em 1948. A Pia União foi aprovada pelo Cardeal Patriarca Cerejeira em 27 de Janeiro de 1949, sendo o decreto assinado pelo Vigário geral, cónego Alberto Carneiro Mesquita. A aprovação foi dada a rogo, não da Paróquia de Santa Isabel, mas dos Padres Carmelitas residentes em Lisboa. Os

<sup>54</sup> Luís Forjaz Trigueiros, Minhas memórias de Santa Tererinha, in *Mensagem de S.T.M.J.*, nº 688, pp. 27-28.

Estatutos contém, além do regulamento, várias devoções destinadas aos associados. Põem as tónicas na infância espiritual e na divulgação dos escritos de Teresinha. Sendo uma confraria de inspiração carmelita, a simbólica era diferente da secular, assim: as *discípulas* e *florinhas* usavam uma fita das cores do Carmelo (castanho) e cor de rosa, com a medalha; os homens usavam um laço de seda das mesmas cores, e com a mesma medalha na lapela. As principais devoções: festa com missa solene (de manhã) e exposição do Santíssimo (de tarde) aos terceiros domingos de cada mês; um tríduo anual, a preceder a festa de 3 de Outubro; a visita semanal a Santa Teresinha, ou numa igreja qualquer, ou na impossibilidade, em casa, se houvesse imagem entronizada.

A oração a que os irmãos da União se obrigavam nessa visita, rezava:

«Oh admirável e encantadora Teresinha do Menino Jesus! que disseste «que passarias o teu céu fazendo bem à terra, e que depois da tua morte farias cair sobre o mundo uma chuva de rosas». A grande fidelidade com que cumpres estas promessas, fizeram que todos os povos do mundo agradecidos a tantos milagres e consolações sintam por ti uma especial simpatia e confiança extraordinárias. Esta devoção e simpatia crescem continuamente ante a certeza, de que conservas no céu, aquela simplicidade, aquela ternura, aquele amor e inflamada caridade que tinhas na terra para com todos os necessitados e miseráveis.

Por esta razão o teu bendito e carinhoso nome é pronunciado com efusiva alegria e acrisolado amor por todas as línguas do mundo até onde tem chegado a notícia da tua admirável vida e santa morte *cheias* do mais sublime amor de Deus e do próximo *servindo de base a todo o teu admirável edificio de perfeição*. Por toda a parte se proclamam teus milagres e favores sem igual, que, quais *perfumadas* e caritativas rosas deixas cair generosamente sobre os mortais.

Haverá alguém que não te ame, que tema acercar-se de teus altares para falar-te e pedir-te novos favores e graças? E poderá alguém afirmar que tendo acudido a teus pés com grande fé e confiança, não tenha sido atendido e satisfatoriamente despachado? Recorda-te do que nos prometeste na terra e não deixes de cumpri-lo no céu. Oh santa admirável e querida da minha alma! Se amavas tanto a Jesus na terra, muito mais o amarás no Céu; se tanto procuraste fazê-lo conhecido de todos, muito melhor o farás na pátria dos bemaventurados. Não é possível que deixemos de conhecê-lo e amá-lo conhecendo-te e amando-te a ti.

Oh santa da minha alma! Que te sigamos e sirvamos com aquela piedosa loucura e santo frenesim com que se inflamou o teu coração no amor de Jesus desde o instante em que O conheceste e tomou posse da tua alma.

Faz, oh amada Teresinha! que conhecendo as ilusões deste mundo, onde não há mais que engano e dor, aspire a coisas mais sublimes e dignas. Para consegui-las me acerco de ti cheio de confiança, suplicando-te que me sorrias do Céu, concedendo-me o que te peço. Não desprezes, pois, as minhas súplicas; recebe-as e despacha-as benignamente. Prometo-te levantar sempre para ti o meu aflito coração, imitar as tuas virtudes, servir-te com fidelidade, e não duvido que na angustiada hora da morte me consolarás, fecharás meus olhos e me apresentarás ao bom Jesus meu Salvador para bendizê-Lo por toda a eternidade. Amen.»

A Pia União teve uma dinâmica assinalada durante a assistência de Fr. Eliseu Maia, fundador da revista *Escapulário do Carmo*. Uns vinte anos depois da fundação adoeceu, vindo a falecer em 9 de Julho de 1980, com a idade de 82 anos. Durante a decadência da irmandade das Mercês, a de Santa Isabel chegou a ser a mais importante de Lisboa, mas parece não manter qualquer actividade vai bem para uns vinte anos, se bem que a Confraria de N.ª S.ª do Carmo ainda exista.

## 9. Novenas e orações

Entre os devocionários - forma empobrecida dos antigos livros de horas - dos últimos cem anos, e apesar de haver outros, devidos em parte aos missionários das missões no interior, um que atingiu a preferência dos fiéis é o intitulado *Horas de piedade* ou *Orações selectas*, da autoria do chantre da Sé do Porto, cónego António Joaquim Pereira que nasceu uns dez anos antes de Teresa Martin, e ainda lhe sobreviveu considerável número de anos. António Joaquim Pereira nasceu no Porto (1862) falecendo na mesma cidade (1939). Seguiu a carreira eclesiástica, fez estudos superiores e obteve a licenciatura em Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Em 1898 (um ano após a morte de Teresinha) ingressou no corpo docente do Seminário do Porto. Feito cónego, governou o bispado no exílio de D. António Barroso, no ambiente da I República. Viveu, já a época histórica de Teresinha, já os acontecimentos relativos à origem da sua fama de santidade, à beatificação, canonização

e surgimento do culto e das devoções. Ainda novo, compilou orações e devoções múltiplas num livrinho, para uso dos fiéis, livrinho esse cujo título acima mencionámos. Tão bem recebido foi o devocionário, que já em 1898 atingira a décima edição, verificando-se a vigésima segunda em 1937 e uma vigésima sexta em data posterior, saída da Editora da Tipografia Fonseca (Editora Católica Portuense) em ano omissso no exemplar que consultámos, mas incluindo já a indicação das indulgências segundo o Decreto da Santa Sé, datado de 31 de Dezembro de 1937. Esta 26.<sup>a</sup> edição é recomendada pelo bispo do Porto, D. Agostinho de Jesus e Sousa,<sup>55</sup> e o aspecto curioso desta edição é um novo conjunto devocional com que o livro encerra, e que já poderia ter sido inserido em outras edições anteriores, como a 21.<sup>a</sup> (1932), conjunto esse relativo a Santa Teresinha. Vimos esta edição em poder de uma senhora, natural de Macedo de Cavaleiros e que residiu em Lourenço Marques (Moçambique) até cerca de 1970. Levou consigo, de Portugal, esse livro e de novo o trouxe, já um tanto usado, repleto de «santinhos» e de papelinhos com diversas orações manuscritas. Dado o sucesso do *Horas de piedade*, que hoje se não encontra à venda, é de supor que entre os seus utentes muitos seguissem as orações dedicadas a Teresinha. No conjunto, são as seguintes:

Oração:

«Ó admirável Santa Teresinha do Menino Jesus, que na vossa breve carreira mortal, foste espelho de angélica pureza, de forte amor e generoso abandono em Deus, agora que gozais o prémio das vossas virtudes, volvei-nos um benigno olhar, pois em vós confiamos. Obtende-nos a graça de conservar sempre, à vossa imitação, a pureza da mente e do coração e aborrecer com vontade sincera tudo aquilo que possa ofender, mesmo ligeiramente, uma virtude tão sublime que tão queridos nos torna ao vosso Esposo Divino.

Ah! querida Santa, fazei-nos experimentar em todas as nossas necessidades o poder da vossa intercessão, alcançando-nos conforto em todas as amarguras desta miserável vida, e especialmente no último momento, a fim de que possamos convosco participar da felicidade do paraíso. Assim seja.

V. Rogai por nós, Santa Teresinha do Menino Jesus.

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.»

---

<sup>55</sup> *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 21, p. 121, contém uma biografia deste sacerdote, mas omite qualquer referência à obra em vista.

## Outra Oração:

«Senhor, que dissestes: se vos não tornais como criancinhas não entrareis no reino dos Céus, nós vos rogamos que nos façais andar à semelhança da virgem Santa Teresa, nos caminhos da humildade e da simplicidade de coração, de forma a obtermos as eternas recompensas: Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

Santa Teresinha do Menino Jesus, Padroeira das Missões, rogai por nós.

Diante de uma imagem da Santa:

Santa Teresinha do Menino Jesus, rogai por mim

3 *Glória Pátri...*<sup>56</sup>»

Segue-se a novena dos «24 Glória Pátri», a que voltaremos adiante, e o conjunto encerra com uma outra Oração, para se obter alguma graça:

«Ó Santa Teresinha do Menino Jesus, branca e mimosa flor de Jesus e Maria, que embalsamais o Carmelo e o mundo inteiro com o vosso suave perfume, atraí-nos e convosco correremos em seguimento de Jesus, nosso Deus e único bem, no caminho da renúncia, do amor e do abandono.

Ó Santa Teresinha, fazei-nos simples e dóceis, humildes e confiantes para com o vosso Pai do céu. Ah! não permitais que o ofendamos pelo pecado, que o contristemos pela desconfiança!

Assisti-nos em todos os perigos e necessidades: socorrei-nos em todas as aflições; alcançai-nos todas as graças espirituais e temporais, particularmente a graça de [*dizer o que se pede*]. Valei-nos na vida e na morte. Ó Santa Teresinha, lembrai-vos que prometestes passar o vosso céu, fazendo bem à terra, sem descanso, até ver completo o número dos eleitos.

Ah! cumpri em nós vossa promessa: sêde nosso Anjo protector na travessia desta vida e não descanseis até que nos vejais no céu, cantando ao vosso lado eternamente as ternuras do Amor Misericordioso do Coração de Jesus.»<sup>57</sup>

O elenco de orações desenvolve-se com as novenas, que foram a mais popular via de oração, porque impressas em folhinhas, de

<sup>56</sup> A oração tem 300 dias de indulgência plenária, uma vez por mês; a jaculatória cem dias. E diante da imagem, 300 dias, sendo necessário estar confessado, comungar, e rezar pelo Pontífice.

<sup>57</sup> *Horas de Piedade*, 26.ª edição, pp. 399-403.

preço módico, e com tiragens de milhares de exemplares, vendidas em casas de artigos religiosos, em agências funerárias, em escaparates de igrejas paroquiais, em festas da santa e divulgadas pelas Pias Uniões. Há duas novenas mais correntes no nosso país. A primeira deve-se ao jesuíta Padre Putigan, sendo conhecida por «Novenas dos 24 Gloria Patri». Achando-se doente, o jesuíta começou uma novena em honra de Santa Teresinha no dia 3 de Dezembro de 1925; e todos os dias lhe aditava 24 Glórias, em atenção à idade com que a monja faleceu. Em sinal de resposta à novena, solicitou que ao terceiro dia alguém lhe desse uma rosa fresca e desabrochada - o que sucedeu, pois que uma pessoa que o visitou lhe levou uma rosa vermelha. No dia 24 do mesmo mês iniciou outra novena, e pediu o sinal de uma rosa branca - a qual lhe levou uma enfermeira do hospital. E as melhoras da saúde do padre jesuíta foram sensíveis, pelo que se entregou à promoção da novena. O esquema da novena é simples: durante 24 dias seguidos rezam-se outros tantos «Gloria Patri» à Santíssima Trindade, em acção de graças pelos favores concedidos à freira carmelita. Pode iniciar-se a novena com uma oração de louvor à Trindade:

«Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, eu vos agradeço todos os favores, todas as graças com que enriqueceste a alma de vossa serva Teresinha do Menino Jesus durante os 24 anos que passou na terra, e pelos méritos de tão querida Santinha concedei-me a graça que ardentemente vos peço, se for conforme a vossa santíssima vontade e para a salvação da minha alma.»

ou estoutra, comum na Ordem Terceira do Carmo de Lisboa:

«Ó meu Deus, que abrasaste com o Teu Espírito de Amor a alma de Santa Teresa do Menino Jesus, concede-me, pela sua amável intercessão, a graça de Te amar com todas as veras da minha vontade e de inflamar as almas nas chamas do Teu santo Amor».

Proferida uma destas orações rezam-se os 24 «Glória Patri», podendo aditar-se, cada vez que se diz a jaculatória, esta outra, de súplica: «Santa Teresinha do Menino Jesus, rogai por nós». Embora a novena possa ser feita em qualquer época do ano, recomenda-se que se prefiram os nove dias entre 9 e 17 de qualquer mês, por forma a que o devoto se associe em cadeia a tantos outros que a

fazem nesse período<sup>58</sup>. Aprovada pelo bispo Epaminondas de Taubaté, esta novena consta dos manuais de piedade e de pagelas que algumas vezes circularam sem indicação de editor e de impressor, podendo constituir edições espúreas. Foi costume, na quarta página da pagela incluir-se a já vista Oração a Teresinha para se obter alguma graça, a oração conhecida por «branca e mimosa flor de Jesus e Maria». A Casa Nun'Álvares do Porto também editou e reeditou uma outra novena com um esquema diverso: durante nove dias recitam-se, diante da imagem, uma ou mais súplicas, dizendo, no fim, um Pai Nosso, uma Avé Maria, um Glória e a jaculatória «Santa Teresinha, rogai por nós». Para uso dos devotos, a pagela editada por aquela livraria portuense apresenta três súplicas que, por sua beleza estilística, pela suavidade da linguagem e pelo entrosamento radical na mística do nome (Teresinha), da chuva de flores e do amor a Jesus, se transcrevem:

«PRIMEIRA SÚPLICA - Santa Teresinha! Virgem protectora e amiga! Venho confiadamente ter convosco. Chamo-vos Teresinha, pois é essa a vossa vontade, e eu sinto-me tão bem pronunciando o vosso dulcíssimo nome: - Teresinha!... Venho de joelhos e com todo o amor e ternura do meu coração, suplicar-vos encarecidamente uma grande graça... É uma graça que me é muito precisa... É uma graça de que depende o meu futuro de felicidade e vida eterna!

Vós vêdes, minha queridíssima protectora, que eu estou a navegar timidamente neste mar que é a vida! Vós vêdes que a barquinha da minha alma se está a envolver nas suas ondas incertas... Vêdes que o meu coração, sobretudo em certas horas, se encontra abatido, receoso, angustiado. Vêdes que os prazeres mundanos pretendem desorientá-lo, estonteá-lo, enchê-lo de amesquinamento e de desânimo. Vêdes, minha amabilíssima protectora, que ventos maus de tentações sopram de todos os lados com o fim de murchar as suas energias espirituais, frescas e belas! Vêdes que o meu coração (pobrezinho dele se vós lhe não acudis com muita elevação e coragem) facilmente se deixa enganar por uma felicidade mundana que passa, que foge... O Céu deu-lhe este destino belo: amar! O coração alimenta-se de amor. Ah! mas como ele se engana, deixando-se embalar e seduzir por uns *pequenos nada*s! Como ele se engana, deixando-se secar pelo egoísmo e tendências do amor próprio... Como ele se engana,

<sup>58</sup> *Horas de Piedade*, pp. 400-401.

deixando-se intoxicar por atmosferas de corrupção, ou prendendo-se desordenadamente às criaturas que não podem dar a paz, a beleza, a felicidade, o amor que o meu coração ardentemente deseja, porque são limitadas e finitas, e o meu coração só está bem, só descansa completamente, saboreando o Amor inefável, o Amor infinito - Deus, numa palavra, que criou e formou assim o meu coração, *terminativamente* infinito... nos seus desejos, nas suas aspirações e nas suas ânsias de ideal, de paz, de beleza, de felicidade, de amor!

SEGUNDA SÚPLICA - Santa Teresinha, minha amabilíssima protectora, vós disseste que havíeis de fazer descer do Céu uma *chuva de rosas*... Ah! fazei que o meu coração se transforme sob a doce influência do perfume dessas rosas do Paraíso! Purificai o meu coração. Dai-lhe elevação e grandeza. Dai-lhe ideal e beleza. Dai-lhe orientação e sentido de vida. Ensinai-o a voltar-se sempre para o alto, para o Céu. Ensinai-o a amar com sofrimento, pois sem sofrimento não há amor. Ensinai-o a amar com simplicidade, pois a simplicidade encanta-me e arrebatava-me a alma. Ensinai-o a amar com confiança, com ternura, com entusiasmo, pois é assim que o amor é digno, elevado, belo. Ensinai-o a amar com inteligência, amabilidade e carinho, generosidade e dedicação e até com heroísmo, se tanto for preciso. Ensinai-o a amar com tenacidade, com paciência, com serenidade, com perseverança. Ensinai-o a amar até à morte, até ao Céu!

TERCEIRA SÚPLICA - Santa Teresinha, minha amabilíssima protectora, vós destes tão belos exemplos deste amor puro, elevado, e cheio de dedicação e paciência, deste amor terno, carinhoso e cheio de força e constância, apesar de tantas dificuldades, de tantas tentações de desânimo, de tantas tribulações!... Vós destes tão belos exemplos deste amor assim, porque *viver é amar* e a vossa vida era de Jesus. Ensinai-me a viver de Jesus para que o meu amor seja todo de Jesus. Ensinai a aproximar-me muitas vezes do Santo Sacrifício da Missa e da Mesa Santa em que Jesus me dá a Sua Carne e o Seu Sangue, a Sua vida! Vós amaste o vosso pai e a vossa mãe, as vossas irmãs, as pessoas de família e pessoas de relações de casa e da vossa alma, com tanto carinho e ternura, e o vosso coração sentia-se tão feliz! Vós amastes (e amais ainda lá no Céu) com tanto carinho e ternura todas as almas, vendo nelas reflexos da bondade infinita de Jesus, e o vosso coração sentia-se tão feliz! É que vós acima de tudo amastes a Jesus com toda a vossa inteligência, com toda a vossa delicada e elevada sensibilidade, com todo o vosso coração. Ensinai-me a

amar assim para que seja feliz. *O amor de Jesus encheu-me de felicidade*, dizíeis vós muitas vezes. Que eu possa dizer o mesmo. E sempre! Desde a minha juventude até ao meu nascimento para o Céu! Santa Teresinha, Virgem protectora e amiga, entrego-vos a minha felicidade. Sêde mestra e educadora do meu coração. Dai-me a felicidade na terra e no paraíso. Amen.»

Há pagelas que, além da novena, incluem a «Oração à Virgem do sorriso», lembrando a cura de Teresinha na idade de dez anos:

«Ó Maria, mãe de Jesus e nossa que, por um visível sorriso, Vos dignastes consolar e curar outrora vossa filha privilegiada, Santa Teresa do Menino Jesus, por sua intercessão vos suplicamos, vinde consolar-nos também a nós, nas penas desta vida; desapegai nossos corações da terra, dai-nos a saúde da alma e do corpo, firmai-nos na esperança, obtende-nos finalmente gozar eternamente no Céu o vosso maternal e encantador sorriso. Amen.»

Além de quanto vimos, tivemos notícias de uma pagela contendo uma *Ladainha de Santa Teresinha*, pelo P. Jorge Machado, capelão da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco de Vila do Conde (1930). Nunca vimos, nem conseguimos ver, essa pagela, mas deve existir no Museu de Lisieux, já que o autor a remeteu com esse destino.

As novenas orientaram-se para a súplica em casos de necessidade. No registo das graças concedidas pela santa, registo esse constante da revista *Rosas*, podemos definir o leque de necessidades dos suplicantes: doenças (sintomas de fraqueza, tuberculose, verrugas inestéticas, acnes e afins, cancros, deficiências motrizes provocadas por acidentes); exames de familiares nos liceus e universidades em ordem ao bom sucesso; problemas familiares, incluindo a rectificação da vida de alguns maridos menos atentos aos compromissos de família; zangas entre irmãos ou entre pais e filhos; curas de doenças infantis, como uma tão notável que a favor do milagre testemunharam o jesuíta Joaquim dos Santos Abranches e D. Cristina Seara Roquete; e, sobretudo, muitas mensagens provindas de sanatórios, entre elas a narrada por alguém que se encobre nas iniciais R.E.L.R., e que depõe como se curou na sequência das novenas a Santa Teresinha<sup>59</sup>. Por vezes aparecem nomes sonantes da

<sup>59</sup> Cf. *Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*, n.º 596, 1987, p. 13.

burguesia e da aristocracia: Conde de Penha Garcia, José Xara Brasil, Coelho Lança, Pinto de Abreu, Sousa Branco, a par de nomes mais vulgares e de origem nitidamente popular. É óbvio que terá havido sensação de outras graças por suplicantes que as não comunicaram. Nota-se, todavia, uma redução das listas de agraciados a partir de 1960. Já se perdera «algo daquela abençoada violência interior que conheceu na minha infância»<sup>60</sup>.

A guerra nas províncias ultramarinas sugere por vezes a necessidade duma nova missão. Em 1970 vivem-se dias confusos perante sonhos contraditórios, o da independência das Províncias e o da quinqüimperialidade portuguesa. Santa Teresinha vê-se chamada, como padroeira, ao certame, no que poderá ter sido uma das últimas, senão a última, oração inspirada ao seu patrocínio, a «Oração pelas missões de Portugal»:

«Santa Teresinha, que trazias sempre, aconchegado a teu peito o livro dos Evangelhos, aperta contra o teu coração de oiro, e agasalha, com as asas brancas do teu manto de carmelita, este livro de pedra rendilhada dos Evangelhos da nossa Pátria, este padrão imorredouro do nosso esforço de cristianização, 'através de mares nunca navegados'.

Santa Teresinha! Os descendentes dos velhos cruzados do Ocidente e dos impávidos navegadores de todos os mares entregam, em tuas mãos poderosas, os destinos de Portugal Missionário.

Santa Teresinha! Comunica à nossa raça o teu espírito de amor a Deus e o teu zelo pela salvação dos infiéis, acende no peito nobre e valoroso dos portugueses, um veemente anseio, uma santa paixão de apostolado.

Santa Teresinha do Menino Jesus, estrela dos Missionários e esperança da nossa Pátria! Cumpre a palavra da tua promessa, 'desce' do teu trono de Rainha das Missões, voa às nossas terras de Além-Mar, abre as tuas mãos de taumaturga e deixa cair, sobre o nosso querido Império Ultramarino, um chuva de bênçãos, uma torrente de rosas de luz e graça, de redenção e amor»<sup>61</sup>.

<sup>60</sup> Luís Forjaz Trigueiros, *loc. cit.*, p. 28.

<sup>61</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 41, n.º 482, 1970, p. 8.

## 10. Espírito e vida

Os escritos da Florinha têm exercido influência nas almas. É impossível apresentar um censo dessa influência, mas há pistas a valorar. Nas revistas promotoras do culto são publicadas cartas, ou simples mensagens, dando conta de vocações motivadas pela leitura reflectida da *História de uma alma*, vocações essas seduzidas pela vivência carmelita. Não há dúvidas de que a restauração do Carmelo em Portugal se efectuou no período mais intenso do culto. O Carmelo de S. João e de Santa Teresinha (Viana do Castelo) abriu em 1928. A Ordem dos Carmelitas Descalços iniciou o processo de restauração no Alandroal, no mesmo ano, e a Ordem do Carmo (Observante) começou a regressar a Lisboa, em 1930. O antigo Carmelo Descalço do Sagrado Coração de Jesus, que sediara no Mosteiro da Estrela<sup>62</sup> até ao encerramento compulsivo de 1910, regressou ao Estoril em 1936. Registe-se, à margem, que as Carmelitas da Estrela guardaram, na Quinta do Candeeiro (Moscavide), uma relíquia célebre, um braço de Santa Teresa de Jesus, num relicário de prata, o qual foi mais tarde oferecido à família do Generalíssimo Franco. E quando voltaram a Portugal, abrindo mosteiro no Estoril, deram-lhe o nome de Carmelitas do Sagrado Coração de Jesus (herança da Estrela) e de Santa Teresinha (novo sinal). O instituto ficou canonicamente erecto em 25 de Dezembro de 1936. E ainda podemos situar neste período o estabelecimento de Carmelitas activas, como é o caso das Irmãs da Virgem Maria do Monte Carmelo, que vieram de Espanha em 1943. E não menos se dirá também das Carmelitas (observantes) de clausura com seus novos conventos de Moncorvo (1947) e de Beja (1954). As Carmelitas descalças obtiveram maior número de vocações, abrindo conventos noutras localidades (Coimbra, Fátima...) havendo ainda um enigma a decifrar: se o signo de Santa Teresinha teve alguma influência na decisão de Lúcia de Jesus, a vidente da Fátima, de abandonar as Doroteias para ingressar (1948) no Carmelo Descalço de Coimbra, fonte do mais recente Carmelo Descalço, o da Santíssima Trindade na Guarda (1996). Só uma nova Memória da Irmã

<sup>62</sup> Sobre este mosteiro cf. o admirável e sedutor livro da Irmã Maria do Carmo do Coração de Jesus, *Carmelitas da Estrela. Virtudes ignoradas e outras narrações*. Braga, 1945; J. Pinharanda Gomes, *Caminhos portugueses de Teresa de Ávila*. Braga, 1983.

Lúcia, relativa à sua evolução como religiosa, nos daria a chave para esse enigma.

As Confrarias e as Ordens Terceiras do Carmo exercitaram o culto e a procura dos principais desafios carismáticos: o seguimento de Jesus, o caminho da infância espiritual, a oração e o empenho missionário. Tornou-se costume rezar com regularidade a oração recomendada por Pio XII, em favor das Missões, tendo em vista a eleição de Teresinha como sua padroeira em 1927:

«Santa Teresa do Menino Jesus, que merecestes ser proclamada Padroeira das Missões católicas de todo o mundo, lembrai-vos do ardentíssimo desejo que manifestastes nesta vida de plantar a Cruz de Jesus Cristo sobre todas as paragens do mundo, e de anunciar o Evangelho até à consumação dos séculos, e auxiliai, nós vos suplicamos, segundo a vossa promessa, os sacerdotes, os missionários, toda a Igreja. Assim seja.»<sup>63</sup>

oração esta recitada em paralelo com outras de análoga intenção, incluindo a jaculatória breve das vocações, dever dos membros das confrarias teresianas.

A espiritualidade paroquial também beneficiou da presença de Teresinha, sobretudo nas freguesias onde a sua imagem foi entronizada, porque fluxos de visitantes aí acorriam em visita à imagem, já por livre opção, já por desobriga de compromisso piedoso. À juventude propunha-se a minoração do breu da noite escura que é a vida, mediante pequenos actos: «uma palavra reprimida, um olhar desviado, um sorriso indulgente, uma palavra carinhosa, uma lágrima escondida, um desejo combatido, um soluço abafado, um ressentimento apagado, tais são as florinhas de sacrificio que havemos de colher com ternura pelos caminhos da vida, se queremos enveredar pela *pequenina estrada*»<sup>64</sup>. Os jovens, e muito em particular as raparigas, recebiam dos educadores religiosos, dos pais e dos tutores, invitatórios à imitação da espiritualidade teresiana; pureza e pudor, com maior insistência, e oração. Nas aulas liceais de Religião, nas reuniões dos movimentos associativos, Teresinha fazia-se presente. É um facto a sua influência na formação ascética das

<sup>63</sup> *Devocionário dos Fiéis*, Cucujães, 1945, p. 215.

<sup>64</sup> Salvador Cristo, Santa Teresinha e a mocidade católica, in *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 3, n.º 30, 1932, p. 66.

Filhas do Sagrado Coração de Maria, da Congregação dos Santos Anjos, nas Congregações Marianas, na Liga dos Servos de Jesus (fundada em 1925, por D. João de Oliveira Matos, bispo auxiliar da Guarda, em processo de beatificação) nos universitários do C.A.D.C. de Coimbra, da geração de Cerejeira e Salazar, e nas Servas da Santa Igreja, por exemplo. O que se chama «afectividade carmelita» achou, no segundo quartel do século XX, formas de expressão inusitadas, mesmo fora dos que, incluindo leigos, tinham algum vínculo institucional com as Ordens Terceiras e as Confrarias carmelitas, de obediência observante ou descalça.

Os organismos da Acção Católica Portuguesa com tónica para as Juventudes Católicas Femininas (agrárias, escolares, independentes, operárias e universitárias) consideravam o modelo de Teresinha, modelo esse que, importa registá-lo, era também proposto nas sessões de formação da Mocidade Portuguesa Feminina. E novos movimentos foram a Teresinha buscar elementos inspirativos, sendo evidente essa inspiração no movimento eucarístico «Fons Vitæ», criado em 1967 pelo Padre Manuel Vieira, confessor na Igreja de S. Domingos do Rossio. Os membros deste movimento de jovens e adultos costumam reunir-se num encontro anual, chamado Encontro Emaús, e visam o culto do Imaculado Coração de Maria e da Santa Eucaristia<sup>65</sup>.

Santa Teresinha compôs uma oração, o «Acto de Oferecimento ao Amor Misericordioso que reza:

«Ó meu Deus, para que a minha vida se converta num acto de perfeito amor, eu me ofereço, como vítima de holocausto, ao vosso Amor Misericordioso, suplicando-vos que me consumais de contínuo, deixando transbordar sobre a minha alma as ondas de ternura infinita encerradas em vosso coração e que assim eu venha a ser mártir do vosso amor!

Fazei, Senhor, que este martírio, depois de me ter preparado para comparecer em vossa presença, me faça enfim morrer, e que a minha alma se precipite sem demora no amplexo eterno do vosso Amor Misericordioso!

Ó meu amado Senhor, eu quero renovar este oferecimento a cada pulsação do meu coração, um sem número de vezes, até que,

<sup>65</sup> Manuel Vieira, A mensagem de Teresa e o movimento Fons Vitæ, in *Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*, Ano 45, n.º 534, 1974, pp. 3-5.

desvanecidas as sombras, eu vos possa repetir o meu amor, face a face, por toda a eternidade!!!» Assim seja.<sup>66</sup>

Oração indulgenciada com trezentos dias por cada vez que for recitada com ânimo devoto, e com indulgência plenária uma vez por mês, a quem o rezar trinta dias seguidos, os membros das Pias Uniões tomaram essa prática a sério. Em 1895, Teresinha fez um acto, a de ser vítima do Coração de Jesus. Um livro, baseado nos seus escritos, - *Pequeno catecismo do acto de oblação* - esteve destinado a exercer grande influência nas almas que ofereceram o seu coração para que este exprimisse as ondas da infinita ternura divina. Do ponto de vista da mística, a *História de uma alma* foi escrito decisivo, mas do ponto de vista ascético, o *Pequeno catecismo* teve determinante função. Toda a comunidade de Lisieux se entregou com fervor à propagação desta oferta ao Amor. Mais tarde, as revelações concedidas a uma senhora belga, que se ocultou sob o pseudónimo de *Margarida*, levaram a uma renovação desta ascese, substanciada num movimento orante e apostólico, a Legião das Almas Pequenas do Coração Misericordioso de Jesus, cujo ramo português tem a sede em Algueirão (Mem Martins) dele sendo animadores dois apóstolos, inteiramente dedicados à causa: Ana Maria Bessa e António Marques Bessa, professor universitário. O movimento agrega dezenas de membros activos e mantém uma actividade editorial atenta à publicação de livros de espiritualidade.

## 11. A Florinha de Abrigada: Sãozinha

A noite de 6 para 7 de Junho de 1940 cobriu-se com um manto de tristeza matizado de alegria. Os fiéis habituais da Igreja Paroquial das Mercês foram surpreendidos com a notícia e também com o corpo jacente de uma jovem bem conhecida na paróquia, agora ali, em câmara ardente, o corpo arrefecido, vestido de imaculado branco, num mar de rosas, os cabelos emoldurados numa grinalda de flores brancas. Terminara o sofrimento terreal de uma jovem, Maria da Conceição Froes Gil Ferrão de Pimentel Teixeira,

---

<sup>66</sup> Esta fórmula é de 1930. Cf. outra versão, mais extensa, in *Pequeno Catecismo*, Porto, 1976, pp. 7-10. Cf. Ana Maria Bessa, *A Vocação da alma pequena: Oferta ao amor misericordioso. De Santa Teresinha a Margarida*, s.d., pp. 56-58.

a *Sãozinha*. Nesse dia, 7 de Junho, (em que o Padre Marques Soares fez o levantamento do corpo da jovem falecida para o cemitério de Alenquer, onde jazeria até ser transferido para o jazigo próprio na freguesia de Abridada), *Sãozinha* era apenas o diminutivo familiar de uma jovem de 17 anos, nascida em Coimbra em 1 de Fevereiro de 1923, filha do médico Alfredo da Silva Pimentel Teixeira e de sua mulher, D. Maria Luísa Ferrão Pimentel, que logo a consagrou a Nossa Senhora da Conceição invocada como sua madrinha de baptismo em 12 de Abril de 1923. A *Sãozinha* tinha dois anos de idade quando o papa Pio XI procedeu à canonização de Santa Teresinha, à qual D. Maria Luísa consagrou também a sua filha, que fez a primeira comunhão e recebeu a confirmação em 7 de Julho de 1935. Recebeu o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo e foi admitida no Apostolado da Oração em 20 de Dezembro do mesmo ano, e na Congregação dos Santos Anjos em 8 de Junho de 1937.

Era uma jovem de famílias aristocráticas e de posses, que os pais, sem prejuízo da educação religiosa (o pai deu mostras de não ter fé) destinavam ao matrimónio e a uma vida social condicente, se bem que a *Sãozinha* desde cedo evidenciasse uma nítida vocação mística, contemplativa, e de acentuado pudor. No seu quarto sempre esteve a mesinha com o seu retrato de adolescente, vestido azul escuro e gola branca bordada - como em geral aparece nas pagelas da sua devoção, a placazinha com a imagem de Nossa Senhora de Fátima e a estatueta de Santa Teresinha<sup>67</sup>. *Sãozinha* consagrou a sua breve vida à arte de seduzir o céu, para que seu pai se tornasse um católico praticante. Sua mãe fora admitida na Pia União de Santa Teresinha da Freguesia das Mercês em 17 de Janeiro de 1934 e a *Sãozinha* viveu, já em casa, já em Lisboa, os esplendores do culto da jovem carmelita, envolta num amplexo de carinho e em transportes de ternura. De súbito, afectada por febre tifóide, e internada no Hospital de S. Luís, situado na paróquia das Mercês, recebeu a Santa Unção no dia 5 de Junho e faleceu, em odor de santidade, na tarde do dia 6. Era o ano de 1940. Tendo suplicado ao pai para que se confessasse e comungasse, e com a imagem de Teresinha nas mãos, abraçada a um crucifixo e à imagem da Senhora de Fátima - trazida pela enfermeira Irmã Ângela - esvaiu-se-lhe o ânimo da vida enquanto murmurava: «Meu Jesus,

<sup>67</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, ano XV, n.º 176, p. 3.

perdoai-me!... Salvai a minha alma!... Santa Teresinha! Nossa Senhora de Fátima!... Paizinho!... Mãezinha!...<sup>68</sup>.

Estar-se-ia perante um caso de santidade reconhecido em ambiente restrito e familiar, sem qualquer eco, caso semelhante a muitos outros, mas que ganhou relevo e amplitude por causa do ambiente teresiano vivido nas Mercês e pelos fenómenos e pelas graças que depois se têm verificado. Sucedeu que o pai da Sãozinha se converteu, se tornou servita de Fátima e, da Pia União, confrade n.º 900 - sua mulher fora o confrade n.º 235 - em 2 de Janeiro de 1948. D. Maria Luísa que, face à morte da filha, deu inúmeras provas de despojamento material e social, e de aperfeiçoamento ascético, viu na filha uma criatura santa. E o que poderia ter ficado sepultado no mais pesado silêncio, irrompeu como «a luz da manhã/ num dia de festa»<sup>69</sup>, como um abraço de novas rosas de Santa Teresinha para o mundo! Ela, o Padre Marques Soares, as Irmãs de S. Vicente de Paulo, e o Padre José Malta, pároco de Abrigada, e confessor da jovem, acreditaram nos sinais. E o povo!

A revista *Rosas de Santa Teresinha* inseria uma secção habitual, «Rosinhas de Portugal», em que registava a correspondência dos leitores noticiando graças e favores obtidos por via de Teresinha, e as ofertas para o culto. Essa correspondência era reduzida a mensagens breves, em geral impressas em tipo miúdo, para melhor aproveitamento do espaço. Em Julho de 1942, a secção apresentou uma configuração diferente: uma carta de D. Maria Luísa Ferrão Pimentel, escrita em Abrigada em 27 de Maio de 1942, vinha narrar a assistência de Santa Teresinha a sua filha Maria da Conceição. Os traços mais vinculativos da carta são dois: o amor da Sãozinha pela imagem de Teresinha - uma imagem que a acompanhou até à morte, e exalava finíssimos perfumes; e o *milagre* do cartuchinho de terra de Lisieux. D. Maria Luísa fora em peregrinação a Lisieux e de lá trouxera uma bolsinha com terra. Estando a criança já hospitalizada, com muitas dores, lembrou-se ela, na presença do marido, de meter um pouco dessa terra num cartuchinho e de o colocar discretamente sob o almofadão da cama onde a filha se achava. E logo as dores da criança diminuíram e sentiu efectivas melhoras.

<sup>68</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 13, n.º 151, 1942, p. Estas palavras podem ler-se em todas as pagelas da Sãozinha e nos livros sobre a sua vida.

<sup>69</sup> Maria Olívia, *Poema à Sãozinha*. Pagela, s/1, 1990. A pagela é ilustrada com um retrato da Sãozinha ainda criança, com um vestido de gola branca, também bordada, mas diferente da mais conhecida dos retratos de adolescente.

Por fim, e esta é uma chave para o sucesso da carta, Maria Luísa alude ao «perfume delicioso e suave» que erra no jazigo onde sua filha jaz, em Alenquer<sup>70</sup>. Uma discípula de Santa Teresinha era publicamente assumida como tal, repetindo na história do mundo os carismas e as virtudes da infância espiritual, da ternura amorosa e da oblação incondicional ao amor divino.

A carta de D. Maria Luísa, apoiada pelo Padre Malta, com uma breve biografia de carácter hagiológico-testemunhal, intitula-se «Uma Discípula de Santa Teresinha: Maria da Conceição Froes Gil Ferrão Pimentel Teixeira»<sup>71</sup>. E publica-se a oração para uso particular, constante das pagelas da Sãozinha, solicitando-se que as graças recebidas por sua intercessão, sejam comunicadas à Superiora das Irmãs de S. Vicente de Paulo para o Hospital da Misericórdia em Alenquer. A pequenina roseirinha cresceu e encheu o jardim dos corações. A oração parece ter nascido da inspiração do Padre Marques Soares e logo foi impressa numa pagela, formato postal, tendo, dum lado, o mais conhecido retrato da Sãozinha, com as flores e, do outro, a *oração-novela* para uso particular, com aprovação da autoridade eclesiástica e a menção de ela ser uma discípula de Santa Teresinha. Idêntica pagela, em formato menor, foi inserta na edição n.º 155 da revista *Rosas de Santa Teresinha*. A 76.ª edição (50.000 exs.) tem a data de 6 de Junho de 1994, sendo hoje em dia milhares as pagelas circulantes, desde 1942. D. Maria Luísa devotou o resto da sua vida (1896-1986) à promoção do culto da Sãozinha, com pleno consentimento do marido, falecido em 1970. Escreveu longas séries de testemunhos na revista *Rosas de Santa Teresinha* e elaborou dois livros: *Sãozinha* (1942, com 18.ª edição em 1954) e *Vou para o céu* (1947, 6.ª edição, 1974) ambos com milhares de exemplares vendidos em todo o país. Fenómeno curioso foi, a breve trecho, ainda em 1942, o envio de muita correspondência relatando graças obtidas por intercessão da Sãozinha. O Padre Marques Soares iniciou, na sua revista, uma nova secção, o «Correio da Sãozinha», que manteve até final, sem que tivesse havido sobreposição ao correio de Santa Teresinha. E, com efeito, a Sãozinha, em vez de ofuscar Teresinha, antes deu novo fôlego ao culto. Hajamos em vista a biografia intitulada *A Florinha da Abrigada*, pelo Padre Manuel Mendes. E, no painel de azulejos do seu jazigo em

<sup>70</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 13, n.º 151, Julho de 1942, pp. 9-10.

<sup>71</sup> *Rosas de Santa Teresinha*, ano 13, n.º 151, 1942, pp. 5-7 e n.ºs seguintes.

Alenquer, lá estão os três companheiros dela: o Senhor Jesus, Nossa Senhora e Santa Teresinha, velando pela Sãozinha, cujo processo diocesano da causa de canonização se efectuou na Igreja das Mercês, em 8 de Fevereiro de 1996<sup>72</sup>.

Sãozinha - como arquétipo de uma juvenil beatitude aceite pelo povo - cresce a par do culto de Teresinha. O ano de 1970 como que as separa: o Cardeal Patriarca aprova os Estatutos da Instituição de Beneficência Maria da Conceição Ferrão Pimentel. O Padre Marques Soares morre. Os assinantes de *Rosas* são aconselhados, no caso de correspondência para Sãozinha, a endereçar para Alenquer. Curiosamente, a estes factos corresponde um certo apagamento do culto teresinho, enquanto as edições sobre a Sãozinha a tornam muito popular. Hoje, melhor do que em 1970, entendemos o enigma: «Os devotos da Florinha de Abrigada têm de ser também devotos de Florinha de Lisieux»<sup>73</sup>.

A irmã e a sua menina. A flor e a pétala:

- Maria da Conceição!

- Conceição, não; Sãozinha! Sãozinha de Teresinha!

## 12. Conclusão de porta aberta

O efeito retórico chamado «conclusão» destina-se a terminar, a concluir, a fechar o excursus. No caso vertente, fechar não é possível. A porta mantém-se aberta, como se não houvesse conclusão. Na realidade, tudo continua em aberto, neste ano do primeiro centenário da morte de Teresa Martin e do primeiro centenário do nascimento espiritual de Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face. Alguns aspectos são, porém, mencionáveis numa síntese relativa à condição portuguesa. Em primeiro lugar, a cediça introdução do culto, anterior à beatificação, por via jesuíta com o patrocínio episcopal, de onde o carácter sacerdotal de que se revestiu o primitivo culto português. Em segundo lugar, a quase antecipação de alguns promotores relativamente aos actos canónicos, procedendo a

<sup>72</sup> *Florinha de Abrigada*, Ano 2, n.º 8, 1996, com abundante ilustração fotográfica.

<sup>73</sup> A Florinha de Lisieux e a Florinha de Abrigada, in *Florinha de Abrigada*, n.º 6, 1995, p. 2.

uma forte radicação devocional. Em terceiro lugar, a ordem estabelecida entre a mística e o destino de Portugal, numa aliança dialógica, Fé e Pátria, num contexto de uma sociedade católica magoada com a sociedade civil e política, de onde a notória preferência cultural nos meios da burguesia católica, da aristocracia rural (por via de regra integralista) e da nobreza citadina, transitando para mais vastas áreas populares. Na clareira do tempo há o singular caso, cremos que único, de uma jovem, Sãozinha, em quem ressurgem, vivos, os essenciais carismas de Teresinha. Em quarto lugar, a seguir a 1927, a ampliação desse carácter à ordem missionária e, ainda aí, à vocação de um Portugal missionário, de modo que há lugar para uma inferência - a de um culto nacionalizante. Em quinto lugar, o facto de à decadência do culto corresponderem dois fenómenos: a minoração da família e dos valores familiares, e o abandono de arquétipos tradicionais, como a prioridade da Fé e da Pátria. No contexto, a época de ouro devotiva alcança uns cinco decénios, que favoreceram a palingénese de uma espécie de neo-romantismo, de que, apesar da modernidade, as devoções a Teresinha constituem fidedigna expressão, onticamente ajustadas ao nosso cristianismo, mais lírico do que pragmático.

### Contributo de Bibliografia Portuguesa\*

*Almanaque da Juventude ou Almanaque de Santa Teresinha*. Porto: Voz do Pastor, 1923-1961.

Alonso, Joaquín Maria - *O Dr. Formigão, homem de Deus e apóstolo de Fátima*. Coimbra, Fátima: Gráfica de Coimbra, 1979.

Alves, S.J. Paulo Durão, e Mariz, S.J. Luís Gonzaga - *Hino a Santa Teresa do Menino Jesus*. Porto: Apostolado da Imprensa, s.d. (1925?).

Alzola, O.C.D., David Dias - *A Ordem do Carmo Teresiano. 50 Anos em Portugal*. Coimbra: Ed. Carmelo, 1978.

---

\* Uma Bibliografia exigente requer a indexação dos artigos publicados nas principais revistas: *Rosas*, *Mensagem*, *Santo Escapulário*, etc.. Uma Semana de Espiritualidade, versando Santa Teresinha, teve lugar no Santuário do Menino Jesus de Praga (Avessadas), dos Carmelitas Descalços, em que, segundo sabemos, foram apresentados importantes estudos. Essa indexação está fora do nosso propósito, mas desejamos que alguém a tente com justo sucesso.

Araújo, Norberto de - Beata Teresinha do Menino Jesus. A canonização. *Voz do Pastor*, Ano V, n.º 18. Porto, 6.6.1925, pp. 4-5. (Artigo transcrito do *Diário de Lisboa*).

Araújo, Padre José Gonçalves Cascão de - *Rosas Celestes. Vida e Devocionário de Santa Teresa do Menino Jesus*. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense, 1927.

Azevedo, Carlos A. Moreira e Rodrigues, Abílio de Sousa - *A Igreja portugalense entre as guerras. Boletim da Diocese do Porto (1914-1936) Índices*. Porto: C. Azevedo, 1995.

Barros, (Monsenhor) J. C. Freitas - *O Missal dos Fiéis*. Lx.ª: Imprensa Lucas, 2 vols., 1926-1927.

- *Missal Romano Quotidiano*. Tradução do «Missale Romanum». Lx.ª: Empresa Nacional de Publicidade, 1929. (Missa votiva de Santa Teresinha: pp. 810-811).

Bessa, Ana Maria - *A Vocaçao da alma pequena: oferta ao amor misericordioso. De Santa Teresinha a Margarida*. Mem Martins: Legião das Almas Pequenas do Coração Misericordioso de Jesus, 1991.

Biguet, J. N. Faure - *A Vida de Santa Teresinha do Menino Jesus*. Trad. port. de António Brochado. Porto: Liv. Tavares Martins, 1940.

*Boletim mensal de Santa Teresinha do Menino Jesus*. Porto, antes de 1930. (Não consta das Bibliotecas que consultámos).

Brandsma, O. Carm., Fr. Tito - O apostolado da mística do Carmelo. *Santo Escapulário do Carmo*, Ano X, Lx.ª, Agosto-Setembro 1965, pp. 197-201 e Outubro, 1965, pp. 223-227 (Trad. port. do original holandês. Fr. Tito foi recentemente beatificado).

Caeiro, Francisco da Gama - De Santo António a Santa Teresinha: a 'noite escura', in *Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*, n.º 620, 1992, pp. 74-76.

Cardeal Cerejeira. *Primeiro Centenário. Exposição bibliográfica, documental, iconográfica e de lembranças. Catálogo comemorativo*. Lx.ª: Rei dos Livros, 1986.

Carmelo de Lisieux - Madre Inês de Jesus (Irmã de Santa Teresinha). *A Mãezinha de Santa Teresinha do Menino Jesus*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1957.

Carmelo Teresiano - 1996-1997. *I Centenário da morte de Santa Teresa do Menino Jesus*. Pagela-calendário para 1996. Oeiras: Ed. Carmelo, 1996.

Carmelo de Viana do Castelo - *Mensagem de Santa Teresinha para hoje*. Viana do Castelo: Carmelo de Santa Teresinha, 1989.

Carvalho (Padre), Alexandre - *A Teresinha. Beata Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. Esboços biográficos adaptados à formação das crianças de Portugal*. Porto: Ed. Padre Cândido de Sousa Maia, 1925.

Celebramos um Centenário/ Santa Teresa do Menino Jesus. *Família Carmelita*. Ano VII, Novembro, 1996, pp. 1-3.

Cerejeira (Cardeal), D. Manuel Gonçalves - *Obras Pastorais. I Vol. 1928-1935*. Lx.ª: União Gráfica, 1936.

Céu, Maria do (isto é: Maria Francisca de Bettencourt) - *Rosas para Santa Teresinha*. (Peça em um acto e oito quadros). Prefácio de José Blanc de Portugal. Ilustrações do Padre José Baptista. Angra do Heroísmo: Tip. Moderna, 1948.

Christóvão (?) - *Oração. Maio de 1954*. S.l e s. d. (Texto impresso sobre pagela de origem francesa tendo, no verso, a imagem de Teresinha e no reverso, a oração em português).

Consultas. *Opus Dei*, Ano 7 (Braga, 1932-1933) p. 362.

Correia, Joaquim Alves - O grande espírito de uma santa pequenina. *Estudos*, Ano 8, n.º 92. Coimbra, 1929-1930, pp. 367-385 (Reproduzido na revista *Opus Dei*, Ano V, 1930-1931, pp. 173-176).

Cristo, Salvador - Santa Teresinha e a mocidade católica. *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 3, n.º 30, 1932, p. 66.

David do Coração de Jesus, O.C.D. - *A reforma teresiana em Portugal*. Lx.ª: Salesianos, 1962.

Decretos da Santa Sé. Ofício e missa de Santa Teresa do Menino Jesus. *Opus Dei*, Vol. I (Braga, 1927), p. 345.

*Devocionário dos Fiéis*. Cucujães: Missões Católicas Ultramarinas, 1945.

*Diário de Margarida. Mensagem do Amor Misericordioso às Almas Pequenas*. Braga, 1982.

Espadilha (Padre) V. - Celebrar o centenário de Santa Teresinha do Menino Jesus em Talhadas. *Balada da União*. Avanca, Ano XVI, n.º 189, 1996, p. 8.

*Estatutos da Pia União de Santa Teresinha do Menino Jesus (Paróquia de Santa Isabel)* Lisboa, 1948.

Esteves, Maria da Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima, Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Apostolado da Oração, 1993.

*Família (A) Carmelita*. Fátima/Lisboa: Centro da Família Carmelita, 1989.

Félix (Monsenhor), José Maria - *Santa Teresinha centenária*. Vila Nova de Famalicão: Tip. Minerva, 1973.

Ferreira (Padre) Carlos Alberto - *Santa Teresinha, carmelita de Lisieux*. Lx.<sup>a</sup>: Au Sacré Coeur, 1928.

*Florinha de Abrigada*. Boletim trimestral. Abrigada, Alenquer: Causa da canonização da serva de Deus Maria da Conceição Froes Gil Ferrão de Pimentel Teixeira, 1994.

Florinha (A) de Lisieux e a florinha de Abrigada. *Florinha de Abrigada*, Ano 2, n.º 6 (1995) p. 2.

Forjaz, António Pereira - Santa Teresinha. *Novidades*, Ano II, n.º 503, Lx.<sup>a</sup>, 17.5.1925, p. 1.

G. (?) - Uma novena numa oitava. *Rosas de Santa Teresinha*, Ano 6, n.º 71, 1935, p. 7.

Genoveva (Irmã) da Sagrada Face - *A mãe de Santa Teresa do Menino Jesus, carmelita de Lisieux*. Trad. port. de Bret Júnior. Porto: Apostolado da Imprensa, 1960.

Herrero, Santiago Galindo - Santa Teresa do Menino Jesus (a jovem carmelita que renovou a espiritualidade contemporânea) 1873-1897. *Construtores do mundo contemporâneo*. Trad. port. de J. P. Gomes. Vol IV, pp. 56-64. Porto: Lello & Irmão, 1982.

Hoonart, S. J. (Padre), G. - Objecções contra o culto teresiano. *Rosas de Santa Teresinha*, Ano VI, n.º 63, 1935, pp. 1-3.

Hino de Portugal a Santa Teresinha. *Rosas de Santa Teresinha*, Ano I, n.º 2, 1930, p. 15. (Música in *Rosas*, n.º 491, 1970, pp. 4-5).

*Hymno de Santa Teresinha*. Letra, música e acompanhamento. Porto: Manuel S. Bastos, s.d. (1930?).

Inglott, O. Carm., Fr. Pins - Dalle 'Saynètes' in monastero al drama in teatro: Appunti bibliografici per uno studio critico del teatro su S. Teresa di Gesù bambino. *Carmelus*, 20 (Roma, 1973), pp. 246-264. (Pp. 255-256: recensão de *Teresinha* de Corrêa d'Oliveira).

Jesualda do Espírito Santo, O.C.D. - *Santa Teresa do Menino Jesus*. Trad. port. de Artur Maurício. Lx.<sup>a</sup>: Paulistas, 1953.

Justus (?) - Impressões da Semana. Espiritualidade da Infância Cristã. *A Ordem*, Ano 43, n.º 2202. Porto, 8.10.1955, p. 3.

La Barrière (Padre) G. - Teresa do Menino Jesus. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo*. Vol. 17, cols. 1391-1392.

Lafrance, Jean - *A minha vocação é o amor. Teresa de Lisieux*. Lx.<sup>a</sup>: Ed. Paulistas, 1986.

Laveille (Monsenhor) - *Santa Teresa do Menino Jesus (1873-1897) segundo os documentos oficiais do Carmelo de Lisieux*. Trad. port. com uma Carta-prefácio de D. António Augusto de Castro Meireles, bispo de Angra. Lx.<sup>a</sup>: União Gráfica, 1933, <sup>2</sup>1951.

Leal, Maria Joana Mendes - *O santo Padre Cruz*. Porto: Apostolado da Imprensa, 6.<sup>a</sup> ed., 1976.

Leite, S.J. (Padre) José - *Santos de cada dia*. 3 vols. Braga: Apostolado da Oração, 1985 (Vol. III, pp. 103-109: biografia de Teresinha no dia 1 de Outubro).

Liagre (Padre) - *Retiro com Santa Teresinha*. Lx.<sup>a</sup>: União Gráfica, 1958.

*Liturgia das Horas. Próprio da Ordem do Carmo*. Fátima: O. Carm., 1981 (pp. 168-184: Ofício de festa de Santa Teresinha).

Machado (Padre) Jorge Lima - *Ladainha de Santa Teresinha*. Pagela. Vila do Conde: 1930. (O autor foi Reitor da Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco de Vila do Conde e enviou um exemplar à revista *Rosas*, com destino a Lisieux).

Maia, S.J. (Padre) João - *Lágrima Secreta*. Poemas. Braga: Apostolado da Oração, 1995.

Maria do Carmo do Coração de Jesus (Irmã) - *Carmelitas da Estrela. Virtudes ignoradas e outras narrações*. Prólogo e notas de J.C. Lima. Braga: Liv. Cruz, 1945.

Martin, P. - *O pequenino caminho da infância espiritual*. Trad. port. de José Luís Zameth. Braga: Acção Católica, 1926.

Mendes, Manuel - *A Florinha da Abrigada*. Coimbra: Coimbra Editora, 1947. Ed. ilustrada. Nova ed.: Braga: Editorial Franciscana, 1980.

Meersch, Maxence van der - *Santa Teresinha*. Trad. port. de Leonor Aires de Campos. Porto: Liv. Tavares Martins, 1956.

*Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*. Revista. Lx.<sup>a</sup>; 1971-1993 (Sucede a *Rosas de Santa Teresinha*).

*Missal Romano. Lecionário Santoral*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996.

Na mão de Deus. Padre Augusto José Marques Soares. *Novidades*, Ano 84, n.º 25053. Lx.<sup>a</sup>, 24.12.1970, p. 2.

Neves (Monsenhor) Moreira das - *Cardeal Cerejeira. O homem e a obra*. Lx.<sup>a</sup>: Rei dos Livros, 1988, (pp. 71-73: matéria teresiana).

Neves (Monsenhor) Moreira das e Valentim, Afonso - Hino a Santa Teresinha. *Mensagem*, Outubro/Dezembro, 1983, p. 23.

Notícias de Lisieux (Carta de Madre Inês de Jesus). *A Defesa*, Évora, ano 21, n.º 1062, Évora, 17.7.1943, p. 1.

*Novena de Santa Teresinha do Menino Jesus*. Pagela ilustrada. Porto: Casa Nun'Álvares, s.d. (Há diferentes reimpressões).

*Novena dos 24 Gloria Patri*. Pagela com ilustração da Virgem do sorriso. Lx.<sup>a</sup>: Ordem Terceira do Carmo, s.d.

Novo, Armando Vieira - *Santa Teresinha do Menino Jesus. Breve resumo histórico-crítico sobre a vida e escritos da gloriosa carmelita de Lisieux*. Lx.<sup>a</sup>: Ed. Artos, 1943.

Oliveira, António Corrêa d' - *Teresinha (Milagre em cinco quadros)*. Porto: Imprensa Moderna, 1929.

Olívia, (Prima da Sãozinha) Maria - *A Sãozinha*. Poema em pagela. S.l. 1990.

*Oração e novena dos 24 Glória Pátri*. Pagela. s.l. e s.d. (A autorização do bispo de Taubaté data de 1931).

Pereira (Cónego) António Joaquim - *Horas de Piedade*. 26.<sup>a</sup> edição. Porto: José Frutuoso da Fonseca, 1937.

Pereira, Henrique Manuel S. - '*Opus Dei*'. *Revista Litúrgica Mensal. 1926-1937. Índices*. Porto: Carlos Azevedo, 1992.

Petitot, H. - *Santa Teresa de Lisieux*. Lx.<sup>a</sup>: União Gráfica, 1930.

Piat, Sthépheane - *História de uma família. Uma escola de santidade. O lar onde floresceu Santa Teresa do Menino Jesus*. Trad. port. de Manuel Versos Figueiredo, Porto: Apostolado da Oração, 1949, <sup>2</sup>1953.

Pimentel, Maria Luísa Froes Ferrão de - *Sãozinha*. Porto: Imprensa Moderna, 1942 (D. Maria Luísa é a mãe de Sãozinha. Esta obra já atingira em 1954 a 18.<sup>a</sup> edição).

- *Vou para o Céu. A mãe da Sãozinha*. Porto: Ed. Salesianas. 1947 (Registámos uma 6.<sup>a</sup> ed. em 1974).

Pinharanda Gomes, J. - *Caminhos portugueses de Teresa de Ávila*. Braga: Ed. Pax (Ed. Bezerra), 1983.

- *Caminhos portugueses de S. João da Cruz. Carmelo Lusitano*, n.ºs 8/9 (Lx,<sup>a</sup>, 1990/1991) pp. 37-86.

Pontes (Cónego) Martins - António Corrêa d'Oliveira. *Teresinha. Rosas de Santa Teresinha*, Vol. II, n.º 15, 1931, pp. 28-31.

Pontificado das Missões. *Santa Teresa do Menino Jesus* (14.12.1927). *Boletim da Diocese do Porto*, Ano 14, 1928, p. 126.

R., R.E.L. - *Santa Teresinha, santa dos tempos modernos. Mensagem*, n.º 596, 1987, pp. 12-13.

Raposo, Hipólito - *Santa Teresa, enfermeira de almas, Rosas de Santa Teresinha*, Ano 1, n.º 2, 1930, pp. 16-17.

Rebello, José Pequito - *Oração pela Pátria, nos Jerónimos. Rosas de Santa Teresinha*, Ano I, n.º 2, 1930, pp. 18-19.

- *A canonização de Santa Teresinha em Roma. Rosas de Santa Teresinha*, Ano I, n.º 5, 1930, pp. 49-54.

Reis (Padre) Oliveiros de Jesus - *A aia de Nossa Senhora. Mensagem*, n.º 596, 1987, p. 13.

- *Sãozinha (Maria da Conceição Froes Gil Ferrão de Pimentel Teixeira)*. Alenquer: Lar da Sãozinha, 1990.

*Retornar ao Evangelho. A mensagem de Teresa de Lisieux*. Carta circular dos Superiores Gerais O. Carm. e O.C.D. por ocasião do centenário da morte de Santa Teresa de Lisieux. Trad. port., s.l. e s.d.

Rev. Padre Marques Soares. *Pagela in memoriam*. s.l. e s.d.

Ribeiro, A. Pina - *Mensagem de Teresa do Menino Jesus*. Lx.<sup>ª</sup>: Mensagem, 1973.

Richomme, Agnés - *A maior santa dos tempos modernos. Santa Teresa do Menino Jesus*. Trad. port. de A.P.. Lx.<sup>ª</sup>: Secretariado Nacional da Catequese, 1957.

*Rosas de Santa Teresinha*. Revista. Lx.<sup>ª</sup>, Janeiro, 1930-1970.

Sackville, V.W. - *A águia e a pomba. Santa Teresa de Ávila e Santa Teresa de Lisieux. Estudo de contrastes*. Trad. port. de Manuel Vieira. Lx.<sup>ª</sup>: Tip. Portuguesa, 1946.

Salesianus - *Santa Teresa do Menino Jesus*. Porto: Salesianos, s.d. (1954).

Santa Teresa. As festas da sua canonização. *Novidades*, Ano II, n.º 504 (18.5.1925) p. 1.

Santa Teresa do Menino Jesus. *Boletim da Diocese do Porto*, 14, 1928, p. 188.

*Santa Teresinha, derrama sobre Portugal a tua chuva de rosas celestes*. Música de Mário Sousa Santos. Porto, 24.8.1933.

Santa Teresinha e a via sacra. *Boletim da Diocese do Porto*, 20, 1934, pp. 160-162.

*Santo (O) Escapulário do Carmo*. Revista mariano-carmelita. Lisboa, 1948-1966.

Santos (Padre) Januário dos - *Amor sem fronteiras. Santa Teresa do Menino Jesus*. Ilustrações de Guida Ottolini. Cucujães: Ed. Missões, 1987.

*Sãozinha*. Pagela com retrato e oração. Lx.<sup>ª</sup>: Liv. Católica, 1942 (pagela distribuída dentro da revista *Rosas* n.º 155).

*Sãozinha (A). Uma discípula de Santa Teresinha*. Oração-novela para uso particular. Abrigada: Lar da Sãozinha, 76.<sup>ª</sup> edição, 1994.

Servas da Santa Igreja. *Semente na Planície. 50 anos ao serviço da Igreja*. Évora: Casa Geral das S.S.I., 1996.

Silva (Arcebispo de Braga), D. Francisco Maria da - *A alma do arcebispo apóstolo, D. Manuel Mendes da Conceição Santos*. Braga: Causa da Beatificação, 1960.

Soares, Ernesto - *Inventário da Coleção de Registos de Santos*. Lx.<sup>ª</sup>: Biblioteca Nacional, 1955 [Registo n.º 05540]

Tavares, Jorge Campos - *Dicionário de Santos*. Porto: Lello & Irmão, 1990.

Teles, José Maria Baltazar - *A Florinha da Virgem (Vida de Santa Teresinha do Menino Jesus)*. Porto: Porto Médico, 1936

Teresa do Menino Jesus (Santa). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXXI, p. 359.

Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face (Soror) - *Historia d'uma alma escripta por ella mesma*. Trad. port. de Laura Júlia Moreira. Revista pelo P. M. Fernandes de Santana. Lx.<sup>ª</sup>: Férin, 1906.

- *Historia de uma alma escripta por ella propria 1873-1897*. Trad. port. de Luís Maria Alves Corrêa. Porto: António Cardoso Pinto de Faria, 1925. (Esta tradução atingiu a 10.<sup>a</sup> edição em 1979).

- *A Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face. Esboços biográficos*. Porto: Porto Médico, 1929.

- *Novíssima verba. Últimas conversas de Santa Teresinha*. Trad. port. de P. José Rodrigues Cosme. Porto: Tip. Fonseca, 1936.

- *Pequeno catecismo do acto de oblação de Santa Teresa do Menino Jesus*. Trad. port. de P. José Rodrigues Cosme. Porto: Tip. Fonseca, 1936.

- *Cartas de Santa Teresa do Menino Jesus*. Trad. port. de Manuel Versos de Figueiredo. Porto: Apostolado da Imprensa, 1958.

- *Santa Teresa do Menino Jesus e 'Celina'. Conselhos e Lembranças*. Trad. port. de Manuel Versos de Figueiredo. Porto: Apostolado da Imprensa, 1955.

- *Manuscritos autobiográficos*. Trad. port. de F. Pires Lopes. Porto: Apostolado da Imprensa, 1960.

- *Historia de uma alma. Manuscritos autobiográficos*. Trad. port. de N. Devy e J. Vaz, O.C.D. Paço de Arcos: Ed. Carmelo, 1995.

- *Obras Completas*. Paço d'Arcos: Edições Carmelo, 1996.

Teti, Giovanna - *Teresa do Menino Jesus*. Lx.<sup>ª</sup>: Paulistas, 1984.

Trigueiros, Luís Forjaz - *Minhas memórias de Santa Teresinha. Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*, n.º 688, pp. 27-28. (Reprodução in *Carmelo Lusitano*, n.º 3, 1989, pp. 89-90).

Uralde de Jesus, Maria Luísa - *Da beleza até Deus. Teresinha*. Porto: Magnificat, 1954.

Vasconcellos, S.J. Evaristo de - *Religiosas. Seleção sobre os Institutos religiosos femininos existentes em Portugal*. Porto: Magnificat, 1957.

Vaz, O.C.D., Armindo - «A minha vocação é o amor». A essência magisterial de Teresa de Lisieux. *Carmelo Lusitano*, n.º 3, 1985, pp. 81-84.

Velozo, Francisco José - *Reflexões. Tradição e Escritura*. Lx.<sup>a</sup>: Sociedade Astória, 1995.

Vieira, (Padre) Manuel - À margem de Teresa e o movimento Fons Vitæ. *Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus*, n.º 534, 1974, pp. 3-5.

Visconde de Montelo (i.é.: Cónego Manuel Nunes Formigão) - As rosas de Santa Teresa, poema, in *Voz da Fátima*, ano 3, n.º 33, 13.6.1925, p. 4.

JESUÉ PINHARANDA GOMES